



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE HISTÓRIA.

EDIMAR RIBEIRO DOS SANTOS JUNIOR

**UMA JORNADA PARA ALÉM DO ESPERADO: O ÉPICO DE
GILGAMESH E SUAS VEROSSIMILHANÇAS NA NARRATIVA ÉPICA DE
HOMERO**

ANANINDEUA - PA

2021

EDIMAR RIBEIRO DOS SANTOS JUNIOR

**UMA JORNADA PARA ALÉM DO ESPERADO: O ÉPICO DE
GILGAMESH E SUAS VEROSSIMILHANÇAS NA NARRATIVA ÉPICA DE
HOMERO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado como obtenção de grau em Licenciatura em História, Faculdade de História, Instituto Federal de Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Roberta Alexandrina Silva.

Banca Avaliadora:

Prof. Dra. Roberta Alexandrina Silva.
(UFPA/CBRAG)

Prof. Dr. Wesley Garcia.
(Avaliador Interno UFPA/CANAN).

Prof. Ma. Gabriela Isbaes.
(Avaliadora Externa UNICAMP/IFCH).

Data da aprovação: _____/_____/_____

Conceito: _____

ANANINDEUA - PA

2021

A minha família e amigos mais próximos, que apesar de minha falta de demonstração de afeto às vezes, são pessoas que amo incondicionalmente.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar esse trabalho de conclusão de curso as seguintes pessoas:

A minha família: mãe, pai, irmão, irmã e sobrinha que apesar de algumas vezes faltar demonstrações de afeto de forma mais abertas e claras de minha parte, são as pessoas mais especiais em minha vida, e as quais sempre vou lutar por. Eu amo vocês.

Aos meus amigos Carolyn Santiago e André Lisboa, parte do meu grupo querido e amigos de todas as horas na Universidade. As minhas amigas desde o Ensino básico, Gabriela e Isabela, vocês são maravilhosas, meninas. Aos meus amigos da Universidade, Wendell Cordovil, uma pessoa querida e amigo que encontrei na Universidade e para além dele. Francly Ramos, como sempre digo obrigado por todo o carinho que sempre dedicou e dedica a mim.

E em especial, obrigado Fernanda Soares, minha melhor amiga, obrigado pela amizade, companheirismo, obrigado por nunca desistir de mim. Diego e Ramiro nos conhecemos moleques e essa amizade que valorizo demais continua até agora quando nos tornamos homens. Felipe Almeida, uma das pessoas com um dos corações mais lindos que já vi, meu melhor amigo, um irmão que a Universidade me deu e levarei para vida. Amo vocês todos.

E obrigado a todos os demais amigos que possuo, aqueles de contatos diários ou não, infelizmente não teria como citar todos, mas vocês sabem que estão incluídos aqui, obrigado por tudo. Obrigado por existirem na minha vida.

A minha orientadora, Roberta Alexandrina, por me auxiliar no desenvolvimento dessa pesquisa, pela amizade e por ser um exemplo de carreira que sempre me inspirou.

Obrigado a todos os professores que ajudaram em minha formação, não somente os professores da Universidade, como também, e principalmente, aos meus professores de ensino básico. Eu sempre reconheci e fui grato aos professores que passaram em minha vida, pessoas que se dedicam a ajudar na construção do conhecimento e caráter de outros indivíduos, e que sem dúvida me ajudaram a construir o caráter que tenho até os dias de hoje. Vocês são super heróis, e a educação foi e sempre será um ato de resistência, e a arma mais forte da humanidade. Obrigado por tudo.

Obrigado especial à professora Gabriela Isbaes, da Unicamp, que aceitou fazer parte de minha banca de defesa. E muito obrigado ao professor Wesley Garcia, por aceitar fazer parte de minha banca de defesa, e por tudo que contribuiu para minha formação durante minha jornada dentro da Universidade. Sempre tivemos um descontraído relacionamento na sala de aula, e você foi um dos professores que mais contribuíram para mim enquanto profissional e pessoal por ser um grande exemplo em ambos os aspectos, serei sempre grato por tudo e sentirei saudade de suas aulas.

Obrigado a Universidade Federal do Pará e a todas as pessoas que fazem parte dela, este ambiente público de fazer ciência e de construção do conhecimento é essencial para mudar a vida de milhares de pessoas, e para mudar a realidade do nosso país.

E por último, gostaria de agradecer a Edimar Ribeiro dos Santos Junior, eu mesmo, obrigado por nunca desistir, obrigado por sempre se dedicar, obrigado por sempre ser esse menino curioso, inconformado, que sempre busca uma melhor versão de si mesmo, e principalmente, obrigado por sempre acreditar nos seus muitos e enormes sonhos que muitas vezes parecem inalcançáveis. O mundo é seu, acredite e trabalho duro para alcançá-los!

“Ele que o abismo viu, o fundamento da terra,
Seus caminhos conheceu, ele sábio em tudo [...]
Explorou de todo os tronos, de todo o saber,
tudo aprendeu, o que é secreto ele viu,
e o coberto descobriu, trouxe isto e ensinou,
o que antes do dilúvio era.”

(Epopeia de Gilgamesh, Tablet I)

RESUMO

A presente pesquisa vislumbra debater e problematizar uma das mais antigas literaturas produzidas pela humanidade, conhecida como epopeia de Gilgamesh ou épico de Gilgamesh. Tendo como principal objetivo, a percepção da disseminação desta obra literária dentro do espaço territorial mesopotâmico, mas principalmente, o alcance de sua influência até mesmo no Ocidente, especificamente no mundo grego. Para tais objetivos, procurou-se explorar a versão Ninivita do épico de Gilgamesh, conhecida como versão “padrão”, apontando pontos específicos que se fazem semelhantes em outra importante literatura épica da Antiguidade, a Odisséia, de Homéro. Partindo das reflexões sobre cultura e do conceito de hibridismo cultural na concepção de P. Burke, bem como, das abordagens dentro de uma visão Orientalista, principalmente de W. Burkert e M. West, C. Penglase e E. Said. Longe de querer apresentar uma resposta definitiva em torno de um tema tão vasto, profundo e cheio de lacunas, o presente artigo visa traçar um debate a respeito do desenvolvimento e difusão deste épico na Antiga Mesopotâmia como um meio de observar as influências desta rica cultura no Mundo Antigo.

Palavras-chave: Cultura. Épico. Gilgamesh. Influência. Odisseia.

ABSTRACT

The present research aims to debate and analyze one of the oldest literatures produced by mankind known as the Gilgamesh epic, having as its main objective the perception of the dissemination of this literary work within the Mesopotamian territorial space, but mainly the scope of its influence even in the West, specifically in the Greek world. For these purposes we sought to explore the Ninivite version of the Gilgamesh epic, known as the “standard” version by pointing out specific points that are similar in another important epic literature of Antiquity Homero’s Odyssey. By incorporating P. Burkef’s reflections on culture and cultural hybridism,as well as W. Burkert and M. West, C. Penglase and E. Said’s approaches within an Orientalist view. Far from wishing to provide a definitive answer around such a vast, deep and gaping topic, this article aims to draw a debate about the development and diffusion of this epic in ancient Mesopotamia as a way of observing the influences of this rich culture on the ancient world.

Keywords: Culture. Epic. Gilgamesh. Influence. Odyssey.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do FICAT – sistema de geração automática de ficha catalográfica da Universidade Federal do Pará.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

S237j Santos Junior, Edimar Ribeiro dos.
UMA JORNADA PARA ALÉM DO ESPERADO : O épico de
Gilgamesh e suas verossimilhanças na narrativa épica de Homero /
Edimar Ribeiro dos Santos Junior. — 2021.
59 f. : il.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Roberta Alexandrina Silva
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade
Federal do Pará, Campus Universitário de Ananindeua, Curso de
História, Ananindeua, 2021.

1. Cultura. . 2. Épico Gilgamesh. 3. História Antiga. 4.
Fontes Literárias . 5. Sociedades antigas. I. Título.

CDD 939

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1 - Mapa onde foram encontrados textos com a narrativa de Gilgameshp.36

Figura 2 – Mapa Antiga Mesopotâmia e arredoresp. 45

SUMÁRIO

1. QUESTÕES INTRODUTÓRIAS	12
2. AS TROCAS CULTURAIS NAS FRONTEIRAS ENTRE OCIDENTE E ORIENTE.....	14
2.1 O ÉPICO HOMÉRICO ENTRE OS GREGOS.....	22
3. OS USOS DAS FONTES LITARÁRIAS	24
4. REDESCOBERTA DE UM MUNDO E O LEGADO DE GILGAMESH	35
4.1 O LEGADO DE GILGAMESH	39
4.2 DIFUSÃO E REEDIÇÕES DA EPOPEIA DE GILGAMESH.....	41
4.3 OS CONTOS SUMÉRIOS SOBRE GILGAMESH.....	45
4.4 A VERSÃO BABILÔNICA ANTIGA.....	46
5. GILGAMESH E ODISSEU, ALGUMAS SEMELHANÇAS	46
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
7. REFERÊNCIAS	56

1. QUESTÕES INTRODUTÓRIAS

A epopeia de Gilgamesh, narra à trajetória do monarca homônimo e o primeiro protótipo de “herói”, oriundo da antiga cidade suméria de Uruk. Após perder seu fiel e amado amigo Enkidu, Gilgamesh parte em uma jornada repleta de perigos e aventuras em busca de um meio de atingir a imortalidade. A epopeia de Gilgamesh é colocada por muitos pesquisadores como o texto literário mais antigo que se tem conhecimento. Tal narrativa foi originalmente, como buscou demonstrar Samuel Noah Kramer, um conjunto de diversos contos independentes em torno da figura de Gilgamesh (BOUZON, 1997), transcritos pelo antigo povo sumério, após ser repassados por gerações de forma oral.

Partindo desse pressuposto, a presente pesquisa, vislumbra debater e problematizar uma das mais antigas literaturas produzidas pela humanidade, conhecida como epopeia de Gilgamesh ou épico de Gilgamesh. Tendo como principal objetivo, a percepção da popularidade desta obra literária entre as diferentes sociedades da Antiga Mesopotâmia. Mas também, analisar o alcance da influência dessa obra em sociedades para além da região da Crescente Fértil, como é caso das sociedades gregas clássicas. Possuindo, desta forma, visíveis contribuições na constituição das culturas dos povos da Antiguidade Clássica, que muitas das vezes são colocados em um patamar de criadores e desenvolvedores de uma cultura Ocidental “pura”.

As construções narrativas em torno da figura do “herói” Gilgamesh foi ao Mundo Antigo extremamente vasta. Pode-se encontrar versões da epopeia de Gilgamesh em todos os grandes impérios da Antiga Mesopotâmia, como é o caso da antiga versão babilônica, e a antiga versão Ninivita, esta última encontrada na antiga biblioteca do célebre rei assírio Assurbanipal. Para os objetivos propostos pela pesquisa, optou-se por selecionar esta última que é a versão mais completa do épico de Gilgamesh, tal recensão é atribuído a um antigo sacerdote exorcista conhecido como *Sinleqiunnini*.

A ressonância da epopeia de Gilgamesh não ficou somente restrita as fronteiras da Antiga Mesopotâmia. As diversas descobertas arqueológicas, realizadas principalmente no século passado e na segunda metade do século XIX no Antigo Oriente Próximo, mostram:

Que a Epopeia de Gilgames parece ter sido um autêntico sucesso de leitura no Próximo Oriente Antigo. Os fragmentos conhecidos estendem-se no tempo do período sumério ao selêucida (o texto mais recente, que apareceu

até à data, remonta a 130 da nossa era, e foi escrito em Babilónia); e no espaço distribuem-se por sítios tão dispersos como Hatusa, Nínive, Asur, Babilónia, Nipur, Ur, Uruk, Meguido, Ugarit e Akhetaton (Amarna). (RODRIGUES, 2003, p. 93).

Partindo da abordagem que cultura e a sua formação é dada por meio de uma constante relação de contatos e trocas culturais, com culturas influenciando e sendo influenciadas, se vislumbra observar as possíveis influências das amplas características culturais das sociedades da Antiga Mesopotâmia na cultura helênica, por meio da comparação entre a epopeia de Gilgamesh e o poema homérico, *A Odisséia*. Tais fontes foram selecionadas para este objetivo, visto os debates científicos em torno da relação e influencias das culturas Orientais sobre as Ocidentais, como já foi brevemente citado anteriormente, e como se buscará abordar mais profundamente nas páginas que se seguem.

Em acréscimo, como um ponto importante a justificar a presente pesquisa, podemos dizer que esta buscará contribuir minimamente para a fomentação de pesquisas acadêmicas em torno das culturas cuneiformes, que no Brasil ainda são pouco abordadas dentro dos estudos de História Antiga. Como nos demonstra Dominique dos Santos (2014), com o advento do mundo conectado a partir das novas tecnologias, as pesquisas acadêmicas ganharam maiores facilidades para se ter contatos com fontes, livros, trabalhos acadêmicos de forma geral. Isso também afetou o campo de pesquisas sobre as culturas cuneiformes, que no Brasil, sempre teve uma dificuldade a mais, por estar afastados dos grandes centros de pesquisas na área, que tem ainda o acréscimo de limitações financeiras e linguísticas para desenvolver tais pesquisas, mas que com as novas tecnologias obteve um maior acesso a fontes do mundo todo. Contudo, apesar das facilidades trazidas pelas novas tecnologias, e em consequência disso, o aumento das pesquisas em História Antiga no Brasil na última década, com publicação de diversos trabalhos, grupos de pesquisa e maior espaço nas grades de estudos das universidades, a Assiriologia parece não ter acompanhado tal crescimento. Dos 92 professores de História Antiga em 2014, apenas 2 são especialistas em estudos das sociedades da Antiga Mesopotâmia, são eles: a professora doutora Katia Maria Paim Pozzer e Marcelo Rede (DOS SANTOS, 2014, p. 212-225). Ainda que seja uma pesquisa limitada, tal estudo poderá efetuar uma parcela a mais de contribuição para as pesquisas deste campo desenvolvidas no Brasil.

2. AS TROCAS CULTURAIS NAS FRONTEIRAS ENTRE OCIDENTE E ORIENTE

Partir da ideia que a cultura das civilizações de escrita cuneiforme influenciou outras culturas em outros períodos históricos, requer reconhecer que: cultura enquanto característica de determinada sociedade, não é algo puro, que se constitui sem a interferência de outras práticas sociais. Como escreveu Edward Said, “the history of all cultures is the history of cultural borrowings”¹. A própria realidade atual nos mostra como a cultura se desenvolve e se constitui a todo o momento por meio de uma hibridização, “a preocupação com este assunto é natural em um período como o nosso, marcado por encontros culturais cada vez mais frequentes e intensos. A globalização cultural envolve hibridização.” (BURKE, 2009, p. 14). A questão de que a cultura acaba por se modificar e se constituir por meio de contatos entre diferentes sociedades e indivíduos não é mérito apenas de nosso mundo moderno interconectado.

Por outro lado, este entendimento por muito tempo esteve afastado dos estudos em torno dos povos da Antiguidade. Ao longo do século XIX, o estudo de uma História Antiga acabou por se institucionalizar nas universidades europeias e se espalhar por outros estados-nacionais. Tais estudos eram realizados aos modos tradicionais, em uma espécie de linha de sucessão, que analisados a partir principalmente de uma literatura “clássica”, greco-romana, colocando em blocos uma história do Antigo Oriente, Grécia e Roma acabava por findar na valorização da cultura Ocidental. Contudo, com as novas perspectivas de abordagens que foram adotadas pela ciência histórica no século XX, as formas de se pensar e produzir conhecimento sobre esse Mundo Antigo também terminaram por se modificar, buscando entender essas culturas dentro da grande complexidade que estas apresentavam no passado (GUARINELLO, 2014, p. 27-28).

O historiador Guarinello (2014), discute ainda a respeito das incongruências ao se pensar e produzir História Antiga. Ao questionar a visão de uma Grécia, de cultura e povos semelhantes, unificada, tal proposição acaba por encobrir a enorme diversidade que na realidade existia na Península do Mar Egeu. Como então teria se constituído esta imagem de uma Grécia de sociedade uniforme? De cultura e Estado unificado? Segundo o autor, os historiadores que abordavam o Mundo Antigo possuíam amplas

¹ “A história de todas as culturas é a história de empréstimos culturais” (SAID, 1994, p. 217, Tradução Nossa).

possibilidades de fontes para realizar seus trabalhos. Os historiadores dos séculos XVIII e XIX acabaram por tomar os livros produzidos (posteriormente denominados como pertencentes a uma Tradição Clássica), como fontes para seus trabalhos, na busca de se entender estas sociedades (GUARINELLO, 2014, p. 71).

Visto que estes historiadores, em contexto do século XIX, estavam inseridos em um momento de emergência e fortalecimento de estados-nacionais, é importante perceber tais reflexos de ideais políticos nos estudos em torno de tais sociedades da Antiguidade.

A História da Grécia, dessa forma, foi cunhada como de uma nação, politicamente dividida, mas unida por questões culturais e até raciais. O Império Romano, por outro lado, é posto como um Estado eminentemente expansionista.

Outras duas noções que influenciaram o entendimento das sociedades da Antiguidade, foram às noções de civilização e progresso. Tais abordagens resultaram em uma espécie de hierarquização, uma forma de progresso em uma linha sucessiva entre as civilizações. O mundo do Antigo Oriente, Grécia e Roma desta forma foram alinhados de modo a culminar na civilização Ocidental europeia. Em acréscimo, tal termo “civilização” foi e é muita das vezes usada de forma não coerente. Em certos momentos tal termo é aplicado a toda uma sociedade, em outros apenas a uma parte erudita desta e outras ainda é usado de forma a diferenciar povos, entre primitivos e desenvolvidos. Segundo Guarinello, é certo que existiu uma produção clássica literária greco-romana, porém, tal produção se deu ao longo prazo, com contribuições de diferentes culturas, sociedades não sendo desta maneira, uma forma de pensar única, de um único povo (GUARINELLO, 2014, p. 72-73).

Diferentemente dessa imagem tradicional da História Antiga (apesar dos avanços nesse campo de pesquisa, esse modo de se estudar tal período ainda permanece arraigado no ensino básico e universitário), com uma linha sucessiva e hierarquizada dos povos da Antiguidade, que finda no nascer da sociedade Ocidental, partindo da cultura greco-romana. O que se existiu, na verdade, foi uma rede de relações entre esses povos, sociais, econômicas muito mais complexas. Estas produziam relações e interações culturais realizadas, principalmente, a partir das transações comerciais existentes entre essas sociedades.

Norberto Guarinello (2014) nos oferece um excelente ponto de reflexão em torno destas questões. O autor, que aborda principalmente as relações humanas ao longo das terras que circundam o Mar Mediterrâneo, argumenta que se faz necessário pensar

essas relações entre tais povos em termos de longa duração. Desta forma, não como processos imutáveis, mas sim um intenso processo de interação. As questões que problematizam o processo de interação humana, seus ritmos e causas em termos de longa duração, são inquietações oriundas da realidade de globalização do século XXI. Dentro destas problematizações, O Mundo Antigo também nos oferece um exemplo deste processo de integração na região do Mar Mediterrâneo, que conheceu entre os séculos X a. C. e V d. C., um intenso processo de integração. Segundo Guarinello, parte dos historiadores não consideram real a ideia de que o Mediterrâneo se tornou mais integrado ao longo do tempo. Estes pensam em termos da globalização atual, em que tal integração se dá a partir dos meios econômicos. No Mundo Antigo, tais transações não teriam representado uma mudança significativa na vida da grande parcela camponesa, o que só viria acontecer com o advento do capitalismo. Contudo, como aponta Guarinello:

Mas essa ideia de um Mundo Antigo permanentemente “desconectado” é negada pela própria documentação. As localidades ao longo do Mediterrâneo não permaneceram imutáveis ao longo dos séculos. Pelo contrário, elas foram tecendo vínculos cada vez mais fortes, estabelecendo conexões concretas, redes cada vez mais sofisticadas, que se acumularam ao longo dos séculos (GUARINELLO, 2014, p. 210).

Ainda dentro da fala de Guarinello, podemos perceber como os locais onde aconteceram estes contatos e trocas foram de suma importância para essas dinâmicas de contato, trocas e influências culturais entre diferentes povos. Neste contexto, segundo Burke (2009), as fronteiras foram fundamentais para essas interações e trocas culturais, definindo tais locais de fronteiras e as ações nesse meio, o autor aponta que:

Estas zonas de fronteira, como cidades cosmopolitas, podem ser descritas como "interculturais", não apenas locais de encontro, mas também sobreposições ou interseções entre culturas, nas quais o que começa como uma mistura acaba se transformando na criação de algo novo e diferente. (BURKE, 2009, p. 73).²

² O historiador Peter Burke (2009), aponta dois locais em que tais interações e trocas culturais aconteceram e acontecem de forma mais assídua ao longo da história. Para Burke, dois importantes locais onde tal situação acontece é a metrópole, onde se produz o cruzamento tanto do comércio quanto de cultura, onde pessoas de diferentes origens se encontram e tem contatos. Um outro local abordado por Burke seria a chamada fronteira, onde os extremos de diferentes locais e práticas sociais se encontram e acabam por ter interação. Segundo o autor, nestas grandes metrópoles, a importância dos portos é essencial para a realização dessas trocas culturais: “A importância dos portos como locais de encontro cultural é notável - a Veneza do século XV, a Lisboa e a Sevilha do século XVI, a Amsterdã do século XVII e assim por diante. Nos séculos XVII e XVIII, os portos de Nagasaki e Cantão eram locais importantes de troca cultural entre a Europa e a Ásia. Mesmo na era da aviação, a importância de Nova Orleans e de Liverpool como pontos de encontro de tradições musicais europeias e africanas é óbvia.” (BURKE, 2009, p. 71).

É de se pensar que tais trocas e influências culturais também se fizeram presente em um passado onde os impérios mesopotâmicos foram dominantes não somente no Antigo Oriente Próximo, mas como em regiões mais extremas do Oriente e também na parte Ocidental. A partir do enorme controle que tanto o Império Assírio (1000-610 a. C) quanto o Império Neobabilônico (610-539 a. C) exerceram em grande parte destas regiões, sendo os principais agentes de domínio comercial, cultural e político nestas regiões muito antes do que, por exemplo, o período helenístico iniciado por Alexandre da Macedônia (336-323 a. C).

Diante de tais questões, a presente pesquisa busca debater e problematizar as possíveis influências da cultura do Oriente sobre a cultura Ocidental, tendo como principal fonte para buscar tais conexões, a epopeia de Gilgamesh ou épico de Gilgamesh. Quando se pretende realizar uma pesquisa aos moldes aqui propostos, é necessário ter em vista as dificuldades, tanto de fontes, quando metodológicas, que tal análise pode trazer consigo. Seguindo os métodos sugeridos por Penglase (2005, p. 4-5), ao se buscar estabelecer possíveis influências culturais entre as sociedades Orientais e Ocidentais, tal objetivo deve perpassar por alguns passos essenciais. Segundo o autor, ao se pretender evidenciar influências ou pelo menos a probabilidade de influências entre essas culturas deve-se, primeiramente, analisar a possibilidade histórica das mesmas. Dentro deste primeiro passo, existem dois outros pontos que devem constar, são eles: a existência de conexões entre estas regiões, como conexões comerciais e culturais. O segundo ponto é que o material que está sendo selecionado como fonte deve existir em algum formato no período destas conexões. Neste segundo ponto, é também onde se dá o momento de demonstrar quais são esses possíveis paralelos, ou seja, as semelhanças existentes entre as fontes selecionadas, que podem se caracterizar como influências a que se pretende problematizar.

Trazendo tais metodologias apontadas por Penglase para o nosso objeto de pesquisa, podemos destacar que durante a Antiguidade³, houveram importantes períodos na história onde tais povos helênicos⁴ estavam especialmente abertos aos contatos com

³ Período histórico que na periodização da historiografia que corresponde ao período que se estende ao momento de invenção da escrita (4.000 a. C – 3.500 a. C) até o momento de queda do império romano do Ocidente (476 d. C).

⁴ “O termo Hélade corresponde à transliteração da palavra grega Hellás (Ελλάς), que era utilizada na Antiguidade para se remeter aos territórios que detinham uma matriz cultural semelhante, o que

outras culturas do Antigo Oriente Próximo (PENGLASE, 2005, p. 4). Um destes momentos é entre os séculos XIII e XIV a. C. Em momentos finais do período micênico, povo tido como o desenvolvedor inicial da cultura dos povos helênicos. Um segundo momento seria entre 850 a. C ou 800 a. C, neste momento a Antiga Grécia se encontrava mais receptiva as culturas do Antigo Oriente Próximo, incluindo, as civilizações mesopotâmicas. Um terceiro e último período aqui posto, é um dos mais evidentes sobre tais influências do Antigo Oriente Próximo na cultura helênica chamado de período de “Orientalização” da cultura grega. Tal período de “Orientalização” seria uma fase na história dos povos helênicos onde estes passaram por uma intensa influência cultural dos povos do Antigo Oriente próximo e também do Egito, adotando um grande número de ideias, tecnologias, bem como influencias na religião e cultura. Tal momento teria durado aproximadamente cem anos (750 a.C. 650 a. C.), deixando fortes traços orientais, principalmente nas peças de cerâmicas encontradas em algumas regiões da atual Grécia (PENGLASE, 2005, p. 4-5). E para, além disso, pode-se dizer que:

Mesopotamia culture influence on the West was always strong, but most prominently in the period when Akkadian was lingua franca in the Levant and Anatolia, which saw the export to the eastern Mediterranean littoral of traditional Babylonian written texts including Gilgamesh and the flood myth (GEORGE, 2003, p. 56).⁵

O historiador Martin Bernal (1987), em sua publicação mais popular, o livro *Black Athena*, é um dos pesquisadores que defendem que a cultura grega clássica, diferentemente do que normalmente é sugerido pela maioria, não se constituiu de maneira isolada a partir de elementos europeus. Segundo o autor, tal cultura grega na verdade foi constituída a partir de empréstimos e influências culturais sofridas pela Grécia em formação, que eram oriundas tanto do Antigo Oriente Próximo, Mesopotâmia e Anatólia, atual Turquia, como também da civilização egípcia (BERNAL, p. 30-37, 1987).

Bernal concentra suas análises no contato existentes entre os habitantes da Península do Egeu com outros povos entre os séculos 2.100 a. C à 1.100 a. C. A justificativa para tal período em suas análises se daria pela falta de documentação em

possibilitava aos seus povos que se identificassem enquanto helenos – ou seja, os descendentes de Helen.” (ASSUMPCÃO, 2012, p. 167).

⁵A influência da cultura Mesopotâmica no Ocidente foi sempre forte, mas mais proeminente no período em que o acadiano era a *língua franca* no Levante e na Anatólia, que via a exportação para o litoral mediterrâneo oriental de textos babilônicos tradicionais, incluindo Gilgames e o mito da inundação. (GEORGE, 2003, p. 56, Tradução nossa).

mais abundância em momentos anteriores aos selecionados. Por outro lado, este seria um bom período por este se encontrar em um momento onde a cultura desses povos helênicos estarem se constituindo. Durante esse período, houveram importantes momentos de maior e menor contato, promovendo influências nesses povos da antiga Hélade. Um dos principais períodos abordados pelo autor se deu durante a organização do Império egípcio, durante o Império Médio, após a invasão do povo Hicso. Com o advento da Dinastia XVIII, e sua dominação na costa do Mediterrâneo, tais povos helênicos tiveram o incremento de cultos religiosos e outros aspectos culturais influenciados por esse povo africano, bem como, dos povos do Antigo Oriente Próximo (BERNAL, p. 43-46, 1987).

Desde que as primeiras tabuinhas de argila foram descobertas nas regiões da Antiga Mesopotâmia e fora dela, uma corrente de estudiosos, principalmente orientalistas – historiadores e demais pesquisadores que focam suas pesquisas nos povos oriundos do Próximo e também do Extremo Oriente – vem propondo as possíveis influências que a cultura da Mesopotâmia exerceu sobre a cultura clássica:

Trabalhos recentes tentam demonstrar a factualidade dessa relação e influência, fornecendo dados que atestam a sua possibilidade e a possível transmissão, defendendo que os compositores e poetas da Grécia arcaica devem muito às culturas do Próximo Oriente Antigo, aos seus motivos literários, às suas concepções cosmológicas e teológicas, aos seus procedimentos formais e técnicos e até mesmo à fraseologia, ao discurso e às línguas. (RODRIGUES, 2003, p. 92).

A esse respeito, Vernant (2002) em seu livro *As Origens do Pensamento Grego* traça uma trajetória da constituição e mudanças que o pensamento helênico passou desde o início de sua formação, muito remotamente dizendo, com os Cretenses. Desde o começo do II milênio estes povos estabeleceram importantes relações com a costa do Egeu e se via extremamente relacionado com os impérios mesopotâmicos daquele momento. O Ocidente e Oriente, nesse momento, encontravam-se em uma conexão, com uma espécie de continuidade, sem a existência de uma separação entre esses dois mundos. Mesmo após a constituição de suas primeiras civilizações palacianas, tais como, Cnossos, Mália, Festos, Creta ainda permaneceu extremamente orientada pelos grandes reinos do Antigo Oriente Próximo.

Já na segunda metade do segundo milênio, foi à vez dos micênicos estabelecerem seus domínios na península grega. Os micênicos, povo que deixou importantes heranças culturais aos futuros gregos – como demonstra Vernant, foram

mais fortes nos aspectos religiosos do que sociais – acabaram por dominar as antigas áreas de influências cretenses e continuarem suas expansões em direção ao Antigo Oriente Próximo, terminando por se integrarem, influenciarem e serem fortemente influenciados pelas culturas dos reinos que entravam em contato nestas regiões. Nas palavras de Vernant:

[...] Em todas as regiões em que conduziu seu espírito de aventura, os micênicos aparecem estreitamente associados às grandes civilizações do Mediterrâneo oriental, integrados neste mundo do Próximo-Oriente que, apesar de sua diversidade, constitui um conjunto, pela amplitude de seus contatos, intercâmbios e comunicações (VERNANT, 2002, p. 20).⁶

A questão sobre esta influência mesopotâmica sobre, por exemplo, os mitos gregos tais como a *Ilíada*, *Odisseia* e outras literaturas helênicas, tem sido tema de diversas discussões entre os estudiosos acadêmicos. A relação de Gilgamesh e a literatura homérica tem sido proposta desde que os poemas babilônicos vieram à tona em melhores estados de preservação. Segundo A. R. George (2003), especialista nos estudos das culturas cuneiformes, há dois posicionamentos desses estudiosos sobre esta possível influência do Oriente sobre o Ocidente que alterna entre dois lados. Segundo o autor, entre estas interpretações estão o “(A) dismissal of any resemblance as coincidental and (B) claims of direct influence east to west. recent writers tend toward position (B) (GEORGE, 2003, p. 55)”.⁷

Tais influências da Mesopotâmia na literatura grega a muito já vem sendo aceita até mesmo pelos classicistas. Para Charles Penglase (2005), as dificuldades quando se pretende realizar uma análise comparativa entre certas fontes gregas e mesopotâmicas se encontra unicamente em determinar os pontos a serem destacados. Segundo o autor, a influência do Antigo Oriente Próximo já é facilmente aceita em torno da *Teogonia* de Hesíodo, por exemplo. Para Penglase, que tem a análise comparativa entre Afrodite e Ishtar como um dos principais pontos do seu trabalho, “The general view of classicists is that many aspects of the goddess that the Greeks worshipped in historical times appear to have come ultimately from the major

⁶ Para uma visão mais detalhada a respeito das rotas comerciais e os intensos contatos entre os povos helênicos, hititas, egípcios, sírios, fenícios assim como povos mesopotâmicos no período aqui abordado ler: WEST, M. L. **The East Face of Helicon: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth.** Oxford, Clarendon Press, 2003, pp. 1-10.

⁷ (A) descarte de qualquer semelhança como coincidência e (B) reindicações de influência direta de Leste a Oeste. Escritores recentes tendem para a posição (B).” (GEORGE, 2003, p. 55, Tradução nossa).

Mesopotamian goddess Ishtar” (PENGLASE, 2005, p. 2).⁸ Tais estudos, demonstram a importância dessas influências culturais para a formação da própria cultura grega, indo além da posição que separa estes dois extremos do mundo, e que por muito tempo são colocados em posições hierárquicas.

A visão de diferenciação em torno do Ocidente e Oriente, segundo Edward Said (1990), foi formada principalmente por instituições inglesas, francesas e posteriormente americanas no que o autor chama de *Orientalismo*. Segundo o mesmo, o Orientalismo é uma forma de pensamento onde se cria uma distinção entre Oriente e Ocidente, a imagem do Oriente é construída de forma distinta e inferior ao Ocidente, dando bases para uma dominação do Ocidente sobre este Oriente. Segundo Walter Burkert (1992), esta visão de superioridade e desenvolvida de uma cultura pura e única pelos povos gregos, se processou de forma mais intensa há pelo menos dois séculos atrás, quando ocorreu uma especialização da erudição na Europa, juntamente com um protecionismo ideológico, criando uma imagem da cultura grega como pura e pioneira. E neste momento, três foram os fatores que quebraram de vez a ligação do Oriente com a cultura grega: a separação da filologia da teologia, a ideologia nacionalista romântica e a descoberta do tronco linguístico indo-europeu. Contudo, esta concepção tendeu a mudar com o advento das importantes descobertas arqueológicas no século XIX, que trouxeram a tona não somente todo o mundo Antigo mesopotâmico como colocaram em questão a visão isolada da cultura helênica, como aponta Burket:

Behind the irascibility a certain insecurity seems to lurk. In fact the image of pure, self-contained Hellenism which makes its miraculous appearance with Homer had been overtaken in the nineteenth century by three groups of new discoveries: the reemergence of the ancient Near East and Egypt through the decipherment of cuneiform and hieroglyphic writing, the unearthing of Mycenaean civilization, and the recognition of an orientalizing phase in the development of archaic Greek art (BURKERT, 1992, p. 3).⁹

⁸ “A visão geral dos classicistas é que muitos aspectos da deusa que os gregos adoravam em tempos históricos parecem ter vindo, em última análise, da principal deusa mesopotâmica Ishtar” (PENGLASE, 2005, p. 2).

⁹ De fato, a imagem do puro helenismo autocontido, que faz sua aparição milagrosa com Homero, foi ultrapassada no século XIX por três grupos de novas descobertas: o ressurgimento do antigo Próximo Oriente e Egito através da decifração da escrita cuneiforme e hieroglífica, da descoberta da civilização micênica e do reconhecimento de uma fase orientadora no desenvolvimento da arte grega arcaica. (BURKERT, 1992, p. 3, Tradução nossa).

2.1 O ÉPICO HOMÉRICO ENTRE OS GREGOS

A respeito das narrativas épicas heroicas, Samuel Kramer (1988) discute como tais narrativas se fizeram presentes em diversos momentos das histórias de diferentes povos. A saber, o autor seleciona o que diz serem três das principais: A era heroica grega, que teria florescido no que hoje é a Grécia, no final do segundo milênio a. C. A indiana, provavelmente um século após a grega e a era heroica teutônica, que dominou grande parte do Norte da Europa no século IV ao VI d. C. Segundo Kramer, tais narrativas carregam semelhanças muito expressivas em seus conteúdos.

As primeiras delas é que todas dizem respeito a um indivíduo principal, os feitos, desafios, aventuras de um herói. Bem como, todos eles apesar de possuir determinados acontecimentos e fatos históricos, estão cheios com narrativas não-históricas, com divindades e seres míticos. Além disso, os estilos narrativos tendem a ser semelhantes, com discursos prolongados e repetições. Segundo o autor os contos épicos sumerianos teriam surgidos pelo menos 1.500 anos antes da mais antiga das três outras era heroicas (A era grega), que apesar das também diferenças que estas possuem, nas narrativas sumerianas podem-se encontrar todos os aspectos padrões das demais narrativas. O autor conclui apontando que como é difícil presumir que tal estilo narrativo tenha surgido independentemente em locais e períodos tão diferentes, e que entre todas, as narrativas sumerianas são as mais antigas em questões de séculos, é razoável concluir que na suméria se encontre a origem dos contos épicos heroicos (KRAMER, 1988, p. 223-245).

Abordando especificamente a literatura grega épica, segundo West (1988), ao se falar sobre o surgimento de uma literatura épica grega, pressupõe-se que esta não existiu sempre, pelo menos não na forma majestosa que encontramos representada na literatura homérica. Segundo o autor, a grande maioria dos pesquisadores aceita que a tradição épica homérica se remete pelo menos aos tempos dos Micênicos. Em certo sentido, o início e desenvolvimento do épico grego tem que ser datado não mais tarde que a metade do segundo milênio a. C.

Quando nos referimos propriamente aos épicos atribuídos a Homero, das tão famosas e conhecidas *Ilíada* e *Odisseia*, é importante destacar o contexto histórico ao qual a Grécia estava inserida, bem como, os aspectos sociais aos quais estas literaturas relacionavam-se no momento de seu desenvolvimento e principalmente disseminação, como aponta Olmi:

A epopeia homérica estrutura-se no Período Arcaico que abrange, na Grécia, o período que vai desde o século VIII ao século V a. C. e se configura como o princípio das manifestações culturais do seu povo, tendo como pano de fundo as conquistas territoriais que fizeram da Grécia Antiga um mundo de referência em termos literários, culturais e políticos (OLMI, 1998, p. 12).

Tal literatura também está inserida dentro de um período de início de desenvolvimento e de estabelecimento de uma alfabetização e posteriormente estabelecimento do que se conhece como uma literatura grega. O autor Koike (2009), discute tais questões dentro do cenário político social das Polis gregas no período Arcaico – momento deste desenvolvimento e estabelecimento da alfabetização e posteriormente uma literatura em prosa, das diversas camadas sociais gregas. Koike aponta para a diferença entre um conhecimento alfabético e de um conhecimento mais técnico capaz de dominar a escrita literária. Contudo, o uso da escrita não ficou restrito a uma camada social na Polis, sendo apropriado em menor ou maior grau em todos setores sociais, seja este rural ou urbano, no comércio ou nos cultos religiosos entre outras atividades (KOIKE, p. 83-84).

Segundo o autor, a utilização destas técnicas de escrita teve maior desenvolvimento e aceitação nos estados jônicos do período arcaico. Estes eram de grande atividade econômica e cultural, que terminaram por resultar em um intenso contato com outras regiões ao longo de todo o mediterrâneo. O interessante nisso tudo é que tais cidades, a exemplo de Efésos, Quilos, Mileto, Samos etc., viviam sob regimes mais autoritários, o que não impediu esse homem grego de expressar-se. Mas, foi somente em meados do século VI a. C., que esta forma de se expressar por meio da escrita passa a ganhar um uso propriamente literário, expressando-se nas artes, nas filosofias, nas diversas formas de expor ideias e opiniões (KOIKE, p. 84, 2009).

De volta especificamente aos escritos atribuídos a Homero, é importante destacar os valores e arquétipos que estas obras traziam consigo sendo tomadas como modelos a serem ensinados e seguidos pelas gerações contemporâneas e as futuras, novamente como aponta Olmi:

A epopeia representa assim um ideal de vida, e a caracterização de seus personagens os torna arquétipos humanos que servirão de modelo para as gerações futuras. Werner Jaeger ressalta a grande influência da poesia épica na formação social e cultural da Grécia Antiga. Os próprios filósofos socráticos consideravam Homero o educador de toda a Grécia. A razão se deve ao fato de que na idade primitiva os valores estéticos estavam vinculados aos valores éticos (OLMI, 1998, p. 13).

Tanto quando o épico mesopotâmico, os poemas homéricos exerceram grandes influências e foram de grande importância para a sua respectiva sociedade contemporânea – ou grande parte dela. Os poemas homéricos foram ainda além, sendo valorizados e tomados como exemplo por todo um mundo literário posterior, a partir de uma preservação e posterior valorização de uma cultura greco-romana (como discutido anteriormente), chegando aos dias atuais. Porém, deve-se ter sempre em mente as possíveis raízes ainda mais antigas de toda essa tradição literária clássica grega. Diante desta discussão (debate que é muito mais profundo do que se pode abordar dentro do estudo aqui proposto), a pesquisa visa adentrar em tal debate de modo a problematizar e contribuir para estas questões. Entende-se, que as culturas colocadas em um papel normalmente secundário na historiografia, tiveram muito mais contribuições para a formação cultural até mesmo das culturas ocidentais do que comumente é posto, influenciando-as a partir das culturas milenares que possuíam e preservaram durante a maior parte do que hoje entendemos como História Antiga. E para este objetivo, adotamos uma das fontes literárias mais antigas já produzidas, o Épico de Gilgamesh, que nos será útil na busca de conexões que caracterizem estas possíveis influências do Oriente sobre o Ocidente.

3. OS USOS DAS FONTES LITARÁRIAS

A presente pesquisa se apropria principalmente de fontes literárias para a realização das análises aqui propostas. Ao voltar-se para as sociedades que durante milênios desenvolveram suas vidas e impérios nas regiões da Antiga Mesopotâmia, deve-se ter em mente que as principais fontes as quais tanto historiadores quanto quaisquer outros pesquisadores têm acesso para seus estudos são, principalmente, fontes arqueológicas, fontes oriundas das descobertas arqueológicas. Tais fontes vieram à tona, assim como grande parte do antigo mundo mesopotâmico redescoberto, a partir das grandes escavações nas regiões áridas do Antigo Oriente Próximo, desenvolvidas especialmente nos séculos XIX e primeira metade do século XX, como irá ser abordada com mais detalhes no tópico seguinte.

Pedro Paulo Funari (2003), em seu livro *Arqueologia*, nos demonstra os métodos e evolução desta importante ciência. Dentre os diversos pontos analisados, o autor aborda as importantes ligações que esta possui com outras ciências, dentre elas, a ciência histórica. Segundo o autor, estas duas ciências tem uma particular ligação e

importância uma para com a outra. Visto a arqueologia ter se desenvolvido, de certa forma, no seio da ciência histórica. Desta forma, a arqueologia depende dos conhecimentos históricos para orientar seus estudos, visto que se faz necessário entender o contexto histórico do período ou sociedade que está sendo pesquisada. Sem esquecer que, tal afirmação é uma via de mão dupla. Assim como a arqueologia precisa dos conhecimentos históricos, os estudos historiográficos também possuem na arqueologia uma importante fonte de dados que, a partir dos objetos materiais que estuda, podem confirmar acrescentar ou contradizer as informações das fontes históricas mais comumente usadas pelos historiadores (FUNARI, p. 85-88).

No que diz respeito às fontes mais comumente apropriadas pelos historiadores, é importante destacar o debate em torno de método que a presente pesquisa se encontra inserida. Visto que, como dito anteriormente, a pesquisa toma como documentos principais fontes literárias. Tal tipo de documentação, assim como algumas outras, por algum tempo não foram entendidas por uma grande parcela dos historiadores como fontes a serem usadas para a realização das pesquisas históricas. Tais historiadores mais ligados a uma corrente que seguia os pressupostos de Leopoldo Van Ranke tinham nas fontes escritas oficiais (mais ligadas a aspectos e temas políticos) como a dignas de serem analisadas na busca de se entender o passado aos modos que isto realmente teria ocorrido. Contudo, já na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX a ciência histórica passava por significativas mudanças não só no entendimento do que seriam documentos, mas também o que seria a história em si mesma (FUNARI, 2003, p. 14-21).

A aceitação da subjetividade como parte integrante, não somente dos estudos históricos, mas também de todo o meio científico, foi resultado principalmente do desenvolvimento intelectual do século passado. A aceitação de que as pesquisas e discursos nestes produtos estão inseridos na visão pessoal e coletiva daquele que o escreveu. A dimensão da narrativa, nas fontes de forma geral, ganhou também, desta forma, atenção particular a partir de então (FUNARI, 2003, p. 14-21). Considerando-se a subjetividade inerente às produções textuais, tais textos:

Sejam históricas ou literárias, ou outras, constroem uma representação acerca da realidade, procura-se compreender a produção e a recepção dos textos, entendendo que a escrita, a linguagem e a leitura são indivisíveis e estão contidas no texto, que é uma instância intermediária entre o produtor e o receptor, articuladora da comunicação e da veiculação das representações (BORGES, 2010, p. 95).

A literatura pode e deve ser encarada pelo historiador com uma importante fonte histórica, pois, esta carrega consigo aspectos sócios culturais múltiplos do período e sociedade onde foi produzida, sendo posta como uma fonte excepcional, uma testemunha desta época. Contudo, é importante sempre manter em mente também que, a literatura enquanto um constructo social necessita ser historicizada. Deve-se estudar e abordar a fonte a partir de seu contexto de produção, do entendimento das formas de pensar, de produzir, de se organizar etc., da sociedade que a originou (BORGES, p. 98-103, 2003). Sendo assim, as fontes literárias podem se apresentar como um documento especial para os historiadores que buscam abordar a história cultural de determinada sociedade. No âmbito da presente pesquisa, as fontes literárias oriundas das descobertas arqueológicas nas planícies da Antiga Mesopotâmia, são de grande valor para se entender tais sociedades bem como seus constantes contatos e trocas culturais junto a outros espaços no Mundo Antigo.

Em torno dessa discussão, podemos nos utilizar dos argumentos de Robert Darnton no que diz respeito à apropriação e utilização das fontes literárias como fontes históricas. Darnton (1988) em seu livro, *O Grande Massacre de Gatos*, especificamente no capítulo 1, realiza uma abordagem em torno dos contos populares na Europa no início do período moderno. O autor defende as fontes literárias, que narram esses contos, como “documentos históricos” (DARNTON, 1988, p. 26) documentos estes que “surgiram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais” (DARNTON, 1988, p. 26). Por meio destas fontes busca entender a mentalidade das massas populares do período, a realidade dos camponeses da França do Antigo Regime que foram esquecidos na História. O autor busca identificar também, as modificações desses contos que por muito tempo foram transmitidos de forma oral, desde a Idade Média, até serem transcritos, na França, Alemanha, com particularidades do contexto da transcrição.

Tais textos escritos, tais como os contos analisados por Darnton, ou os épicos como os que aqui se propõem a analisar, são postos por Burke (2003), como um dos três diferentes exemplos de hibridismo cultural. O conceito de hibridismo é um conceito que ganhou destaque no meio científico, principalmente, a partir dos estudos realizados e publicados por Charles Darwin, a partir do seu livro *A Origem das Espécies*. Ainda nesse momento, o conceito estava mais ligado às discussões das ciências naturais em torno das espécies puras e híbridas, seus pros e contras na fauna e flora. Contudo, não

demorou muito para que estas discussões chegassem aos debates dentro das ciências sociais. Já no século XIX, tal tema foi trazido para este âmbito de debate já não mais ligado às plantas e espécies, mas neste momento, para questões envolvendo o ser humano, juntamente ao conceito de “raça”, o que resultou em estudos e discursos racistas, inferiorizando os chamados grupos mestiços frente a indivíduos puros (KERN, 2004, p. 53-55).

Porém, o conceito a estes moldes foi paulatinamente sendo deixado de lado a partir da segunda metade do século XX. Nas ciências sociais, o conceito ganhou um novo fôlego com os estudos pós-coloniais, desenvolvidos principalmente a partir da década de 80. Tais estudos passaram a focar nas interações e mesclas culturais entre os diferentes povos ao longo da história. O historiador Peter Burke, trata o hibridismo cultural como um processo inevitável ao mundo globalizado (KERN, 2004, p. 55-56). Esta conceituação de hibridismo cultural, nos moldes mais atuais aos quais as ciências humanas buscam se apropriar, nos é tida de muito valor para as pretensões da presente pesquisa, de modo que, como já vem sendo demonstrados desde o início deste texto, a pesquisa irá buscar caminhar junto ao entendimento de trocas e interações culturais das diferentes sociedades ao longo da história, mais especificamente, das sociedades da Antiguidade, tendo sempre em mente e como aporte teórico o conceito de hibridismo cultural.

Assim sendo, novamente segundo Peter Burke, os textos escritos são artefatos onde podem ser melhor percebidos os hibridismos culturais. Segundo o autor, as traduções e adaptações são onde se encontram os exemplos mais claros de textos híbridos, pois seus autores buscam incorporar aspectos que são comuns a nova realidade onde estes textos serão agora lidos e divulgados. Desta forma, tais textos agora adquirem características não familiares a sua cultura e produção originais (BURKE, 2003), como por exemplo, as modificações que os contos sofreram nos diferentes locais onde foram reescritos. Bem como, as diferenciações que podemos encontrar da própria epopeia dentro da Antiga Mesopotâmia e a incorporação que este conto épico sofreu em outras culturas, muito distante das culturas mesopotâmicas. Desta feita, acabam por modificar seus personagens, histórias, sem, contudo, perder as questões estruturais que envolvem esse tipo de narrativa.

Novamente segundo Darnton, apesar das incertezas a respeito das datações exatas das fontes oriundas de meios orais, os valores destas não podem ser descartados. Darnton coloca que diante dessas dificuldades apresentadas pelas fontes, ficar preso à

análise de detalhes simbólicos não é aconselhável. Deve-se analisar em nível de estrutura, atentando para a construção das diferentes narrativas e como elas combinam. (DARNTON, 1988, p. 24-25). Apesar do autor se utilizar de contos populares em suas análises, suas observações em torno das fontes literárias e das suas origens orais pode também servir para a presente pesquisa.

A epopeia de Gilgamesh, apesar de ser uma outra forma de literatura (sabe-se que conto e epopeia são narrativas diferentes), foi em seu início oral e posteriormente transcrita em diferentes momentos da história mesopotâmica. Tal narrativa épica teve repercussão e se expandiu dentro do espaço territorial da Antiga Mesopotâmia e para além dela, podendo encontrar paralelos em grupos semitas, como nas histórias hebraicas, e até mesmo gregas, desta forma, como afirma Bouzon:

A epopeia de Gilgames é, pois, de grande importância para todo homem de cultura. Não se trata, contudo, de uma obra de interesse puramente literário. Bem interpretada, ela é, certamente, uma fonte historiográfica de valor inestimável para o estudo das ideias e das concepções do homem da Baixa Mesopotâmia já desde o 3º milênio a. C., quando apareceram os primeiros textos sumérios da saga de Gilgames. (BOUZON, 1997, p. 33).

Estas influências dos mitos e contos mesopotâmicos podem ser observada em uma zona muito maior do que em um primeiro momento pode-se imaginar. Na verdade, pode-se dizer que todos os diversos povos da Crescente Fértil no Mundo Antigo foram formados e conviveram em uma intensa rede de trocas e contatos uns com os outros durante milênios. O povo hebreu, por exemplo, tido como um divergente em meio aos cultos a diferentes deuses comumente praticados no Antigo Oriente Próximo, não pode ser tomado como único e isolado, pois, mesmo este partilhava de muitas práticas culturais comuns àqueles que os circundavam. A historiadora Zdebskyi (2018), alerta para a impossibilidade em se pensar a história de um povo de forma isolada. Falando especificamente dos hebreus, a autora discute que a tentativa de se criar um sentimento de unidade deu origem, por parte dos sacerdotes do credo oficial, a rejeição de forma agressiva as práticas religiosas estrangeiras. Contudo, a autora aponta usando das falar de Steike que:

Fica evidente que não é possível compreender a identidade dos povos do Crescente Fértil de forma isolada e descontextualizada de suas relações sociais, a identidade dos hebreus, por exemplo, não pode ser percebida como estando resumida à religião do Antigo Israel como um conjunto organizado e estruturado de crenças centradas na adoração e culto de Yahweh. Fazer uma análise rasa assim seria minimizar a presença e o valor de práticas religiosas cotidianas realizadas em santuários e espaços domésticos e consideradas

marginais à “religião oficial” (STEIKE, 2012, p. 15 *Apud* ZDEBSKYI, 2018, p. 26-27).

Desta forma, sabe-se que o contato entre Hebreu com os povos babilônicos, Cananeus entre outros povos do Antigo Oriente Próximo era algo iminente, bem como, as influências recebidas a partir disto. Ao se analisar os livros sagrados de Hebreus e Cristãos, podemos identificar diversas similaridades entre estas mitologias e práticas religiosas com aquelas dos outros povos da Antiga Mesopotâmia, sem, contudo, perder de vista as particularidades de cada uma delas, como abordamos no começo deste tópico. Dentre tais histórias, podemos destacar as proximidades entre o mito babilônico da criação, o Enuma Elish junto ao Gênesis Judaico-cristão, bem como, a história do dilúvio, encontrado na epopeia de Gilgamesh e também nas crenças Judaico-cristãs.

O poema babilônico denominado Enuma Elish¹⁰, é uma das mais antigas cosmogonias conservadas que temos hoje em dia. Este poema tem em seu conteúdo a narrativa de criação do universo a partir dos principais deuses, Apsu e Tiamat. Todavia, deve-se notar que ao final, este poema tem por finalidade a exaltação do Deus supremo da babilônia, Marduk. O autor Brandão (2013), aponta a particular importância dada ao elemento da água neste poema, a partir dos dois deuses primordiais, Apsu, das águas doces, subterrâneas, e Tiamat, representando a água salgada do mar. Segundo o autor, essa importância dada a água, acabando por refletir na representação destes deuses e na própria cosmogonia e cosmografia, “decorre certamente da consciência de quanto sua subsistência dependia dos dois rios em torno dos quais se desenvolveram” (BRANDÃO, 2013, p. 27). Ainda segundo Brandão, esta forma de cosmogonia pensada pelos povos da Mesopotâmia, teve uma repercussão vasta, chegando a influenciar, por exemplo, hebreus e gregos.

Segundo Brandão, no primeiro livro da bíblia hebraica, podemos encontrar a mesma concepção de criação a partir de abismo de água primordial, como a cosmogonia babilônica. Uma diferença existente seria que, na concepção hebraica, Elohim seria um Deus externo a isto, o qual fez o mundo a partir da água. Essa forma de diferenciação de Deus das coisas que esta cria, é posto por Pontes (2010), como uma das diferenças entre o Enuma Elish e o Gênesis hebraico. Segundo o autor, isto se dá por meio de uma tentativa de diferenciar este Deus dos astros que esta cria, visto que, os povos vizinhos

¹⁰ Não há consenso sobre a data em que o poema teria sido composto, inicialmente acreditava-se que este teria sido produzido na época de Hamurabi (1792-1770 a.C.). Contudo, hoje prevalece a ideia que este teria sido composto nos dois últimos séculos do segundo milênio, mais precisamente sob o reinado de Nabucodonosor I (1124-1103 a.C.), (BOTTÉRO; KRAMER, 1993, p. 603 *Apud* BRANDÃO, 2013, p. 36-37).

aos israelitas os referenciavam como deuses, dando-os por demais importância. Para as crenças oficiais hebraicas, estes eram apenas personagens secundários, que refletiam a luz criada por Elohim outrora:

Enquanto que nas culturas do Oriente Médio, especialmente, dos povos vizinhos a Israel, os astros tinham grande importância, por serem considerados como deuses. Na redação bíblica eles não passam de criaturas de Deus e não recebem nem sequer um nome sendo apenas chamados de grande luzeiro e pequeno luzeiro (Gn 1,16) para que estes fossem desmitificados (PONTES, 2010, p. 64-65).

A centralidade da água na narrativa do Gênesis fica clara com os trabalhos de Elohim na constituição do mundo organizado. Após criar a luz e separar o dia da noite, prossegue separando as águas de baixo com as águas de cima, sendo esta última o céu e a seguinte as águas que circundam as terras, o mar. Estes trechos parecem relacionados com o episódio em que Marduk cria o mundo a partir da separação do corpo de Tiamat (BRANDÃO, p. 29-30, 2013). Já no mundo grego, existe uma outra tradição que se conservou a partir dos escritos homéricos e também das narrativas de Hesíodo. Esta se refere ao Deus Oceano com a Deusa mãe, Tétis, como criadores dos deuses e mundo. A aproximação entre Oceano e Tétis com Apsu e Tiamat é geralmente aceita e foi posta inicialmente pelo estudioso W. E. Gladstone, com a existência de uma aproximação entre os nomes de Tétis e Tiamat muito consistente:

Especula-se mesmo que o grego Thétis possa derivar de Tiamat, o que filologicamente é possível: o acádio tiam(a)tu, tâm(a)tu, têtmtu (todos com os significados de “mar”, “profundezas”, “abismo”, tiamat sendo uma forma poética), pode ter sido transposto como thétis, considerando-se que a sequência -mt- não é própria do grego (WEST, 1997, p. 147 *Apud* BRANDÃO, 2013, p. 32).

Para Brandão, ao se procurar indícios dessa tradição para além de termos mitológicos e poéticos, pode se ter uma maior certeza da autenticidade desta tradição homérica, como por exemplo, a partir das constatações e afirmações dos famosos filósofos naturais gregos:

Conforme Aristóteles, “a maior parte dos que primeiro filosofaram” – isto é, os filósofos da natureza conhecidos hoje em dia como pré-socráticos – “creram que os únicos princípios (arkhai) de todas as coisas eram de espécie material”; entretanto, continua ele, “quanto ao número e espécie de tal princípio (arkhé) não disseram o mesmo, mas Tales, o iniciador desse tipo de filosofia, disse ser a água – por isso também declarou que a terra está sobre água”.³⁷ Ora, estamos diante de um excelente exemplo de tradução: o que Homero declara em termos genealógicos – o Oceano e Tétis são os genitores

dos deuses –, Tales declara em termos físicos (ou naturais): a água é o princípio de tudo (BRANDÃO, 2013, p. 32).

Ao se abordar as narrativas de Hesíodo, podemos encontradas as similaridades mais próximas à literatura do Próximo Oriente, já muito aceitas e generalizadas por pesquisadores do Mundo Antigo. Muitos povos possuem uma literatura mítica em prosa envolvendo aspectos genealógicos das divindades, mas, a questão de um governante que toma o poder, a partir da derrota de uma divindade mais antiga, parece ser muito específica da cultura do Próximo Oriente. O poema de Hesíodo tem particular proximidade com o poema mesopotâmico *Enuma Elis*, onde ambos possuem um enredo de começo dos tempos e termino da narrativa com o rei dos deuses assumindo o comando e sendo glorificado. A Teogonia também apresenta similaridades com o poema Hurro-Hittita *Som de Kumarbi*, principalmente, nos aspectos que dizem respeito a uma linha de sucessão entre os deuses que compõem o panteão (WEST, 2003, p. 278-282).

Continuando a analisar as reverberações de *Enuma Elis* em outras sociedades, podemos dar um pouco mais de atenção as semelhanças existentes entre esta e a Teogonia, de Hesíodo. Segundo West, os paralelos entre o *Enuma Elis* e a Teogonia não são tão próximos tanto quanto quando fazemos a comparação entre este com a narrativa Hurro-Hitita, porém, existem algumas especiais similaridades entre a narrativa grega e babilônica, e que não podem ser encontradas no *Som de Kumarbi* (WEST, p. 282, 2003). Em ambas as narrativas existem um par de deuses primordiais. Na narrativa babilônica eles são Tiamat e Apsu, já na narrativa grega estes são identificados como o Céu e a Terra, mas, nos poemas homéricos tais divindades são denominadas como Oceano e Thetis.

Como já foi discutido anteriormente, estas denominações podem ter relativa proximidade com os nomes de Apsu e Tiamat. Assim como, em ambos os textos os diferentes jovens deuses tem medo do Deus supremo, até que um deles (Ea no poema babilônico e Kronos no grego) decide enfrenta-lo e superar o Deus que os oprime. Também em ambos os poemas são os filhos destes que travaram um enorme conflito até serem consagrados rei dos deuses, ambos usando ventos ferozes e relâmpagos como armas. Kronos, que lutará e será derrotado por Zeus, seu filho, e Marduk, filho de Ea, apesar de não lutar contra seu progenitor também travará uma luta contra Tiamat se consagrando senhor dos deuses (BRANDÃO, 2013, p. 24-26).

Outra fonte de comparação entre tais sociedade pode ser encontrada dentro da própria da epopeia de Gilgamesh ao analisá-la junto aos livros sagrados Judaico-cristão, esta similaridade está relacionada à conhecida narrativa do dilúvio. A comparação entre ambas narrativas diluvianas talvez seja a mais famosa, bem como, próxima entre estas duas culturas. Quando esta aproximação veio à tona pela primeira vez, pelo historiador e arqueólogo George Smith, em 1872, acabou por causar enorme rebuliço entre o meio acadêmico e social europeu (FOLLMANN, 2018, p. 1).

Contudo, é certo que a edição da epopeia de Gilgamesh onde se encontra incluído a narrativa do dilúvio, descoberta no sítio arqueológico da biblioteca do antigo rei Assurbanipal, não poderia ser anterior às narrativas bíblicas mais antigas – os chamados pelos historiadores de documentos Javistas, datados do século VIII a. C. (BOTTÉRO, 2011, p. 46-47). Porém, a própria história de dilúvio encontrada na epopeia de Gilgamesh, na verdade, deriva de outra composição literária popular na Antiga Mesopotâmia, *O Atrahasis*, “*O supersábio*”.

A epopeia de Gilgamesh tem por trás de si uma tradição literária muito mais antiga. A princípio, a história do dilúvio não fazia parte da epopeia, esta foi acrescentada a narrativa algum tempo depois, já aproximadamente em 1.300 a. C. tal história deriva justamente do conto Atrahasis, história esta que narra desde o momento da criação até o dilúvio realizado pelos deuses. Esta narrativa durante muito tempo foi pouco conhecida, principalmente, por seu estado ruim de conservação, os achados arqueológicos permitiram que a narrativa fosse reconstituída em melhor estado, trazendo à tona a mais antiga narrativa sobre o dilúvio que se tem conhecimento (BOTTÉRO, 2011, p. 46-47).

A nomeação do personagem principal parece variar nas diferentes versões da narrativa. A saber, em uma das versões de tal conto (aqui nos referimos a de origem sumeriana), o personagem principal na história do dilúvio tem por nome *Ziusudra*, o que tem por significado algo em torno de “Ele que agarrou a vida de dias distantes” (HEIDEL, 1949, p. 227). Outra versão de tal conto, já mencionada anteriormente, chamasse Atrahasis, que significa “O supersábio”. Tal obra é citada em outros relatos dentro da obra de Berossus¹¹, onde Athrahasis é referido como Xizuthros, Sisithros,

¹¹ Contextualizando aqui a prática de escrever a história do Mundo Antigo como Historiografia, Bêl-re’ushunu ou como era mais conhecido em Helénico, Berossus, foi um historiador Caldeu que teria escrito a História da Babilônia desde os reis Antidiluvianos até a conquista de Alexandre Magno. Sua obra, que teria sido conhecida como *Babyloniaka*, teria consistido em três volumes e foi uma das principais fontes utilizadas pelos eruditos romanos. Contudo, a obra não chegou até os dias de hoje, só

Sisuthros, todos estes ao que parece, remontam ao nome da narrativa sumeriana (HEIDEL, 1946, p. 227).

Já na epopeia de Gilgamesh, este personagem tem por nome Ut-napíshtin, o distante. O nome Ut-napíshtin seria uma clara redefinição do Ziusudra sumeriano. O nome deste personagem é comumente traduzido como “Ele que viu a vida”, Ele que encontrou ou adquiriu a vida eterna. Por outro lado, o personagem bíblico da história diluviana se chama Noé, que significa descanso (HEIDEL, 1946, p. 227). Desta forma, ao que parece “The book of Genesis make no attempt to establish a relation between the name and the experiences of the central human figure in the account of the flood” (HEIDEL, 1946, p. 227)¹².

Ao buscar comparar ambas as narrativas do dilúvio, à primeira vista as semelhanças são muitas e muito visíveis, porém, também é importante notar as particularidades que cada uma destas narrativas apresenta. Como o objetivo da presente pesquisa não é realizar uma comparação entre estes dois textos (o que poderia ser feito em um trabalho totalmente independente), iremos apenas destacar algumas semelhanças e também diferenças dos mesmos, com os objetivos de mostrar como estas culturas, assim como as culturas de todas as civilizações de modo geral, acabam por realizar uma intensa troca e cedendo e recebendo influência uma das outras.

Um das aproximações, onde também existe uma diferença entre as narrativas, é na forma e nos motivos aos quais resultaram no dilúvio. Na narrativa mesopotâmica, o dilúvio é o ato final dos deuses na busca de exterminar a raça humana. O motivo a tais ações foi a grande agitação que causava os humanos, não deixando os deuses descansarem e enfurecendo, particularmente, o Deus supremo Enlil, que acabou por convencer os demais a exterminar os humanos (OLIVEIRA, p. 101-102, 1992). Já no mito bíblico, tal dilúvio é causado por um arrependimento do Deus hebreu em ter criado os seres humanos, visto o mau comportamento e corrupção destes humanos que acabaram por se entregar a uma vida de maus costumes e práticas (GENESIS, 6: 1-6, 2002).

Após a decisão dos deuses de exterminar a humanidade, é o deus Ea, protetor da humanidade, que busca avisar Ut-napíshtin das intenções dos deuses e orienta-o a construir uma arca, para ele e sua família e a conservar exemplares de todas as criaturas

podendo ser conhecida a partir de referências em outras obras, tais como, as dos autores Flávio Josefo e Eusébio de Cesareia (AZEVEDO PEDRO, 2015).

¹² O livro do Gênesis não faz nenhuma tentativa de estabelecer uma relação entre o nome e as experiências da figura humana central no conto do dilúvio” (HEIDEL, 1946, p. 227)

vivas na terra dentro da arca (OLIVEIR, p. 101, 1992). Da mesma forma, o Deus hebreu tendo compaixão para com Noé, por sua boa conduta e fé, também o orienta a construir uma arca onde deveria salvar a si, sua família e exemplares de todas as criaturas vivas na terra (GENESIS, 6: 8-22, 2002).

Há uma diferença no que teria sido o período de duração do dilúvio nas duas narrativas. Na epopeia, tal episódio teria ocorrido em um período de 7 dias, enquanto que na narrativa bíblica este teria durado em torno de 40 dias. Porém, neste mesmo momento da narrativa existe um ponto de muita semelhança entre ambas, que ocorre na verificação por parte do personagem principal, se o pior do dilúvio havia passado e estes poderiam se preparar para voltar à terra firme ou não. Na narrativa babilônica, o sábio Ut-napíshtin ao término de 7 dias, começa a soltar pássaros para verificar se já era o momento para desembarcar de sua arca. Em suas duas primeiras tentativas, Ut-napíshtin salta uma pomba e uma andorinha, mas, sem lugar para pousar estas acabam retornando para ele. Na terceira tentativas, Ut-napíshtin soltou um corvo, a ave vendo que as águas haviam baixado voou e não mais retornou, mostrando assim que os tripulantes da arca poderiam descer (OLIVEIRA, 1992, p. 101-103). Da mesma forma Noé, após 40 dias de inundação, começou a fazer suas tentativas em busca de saber se as águas já haviam baixado. Nas duas primeiras tentativas, este soltou um corvo e uma pomba, ambas as aves voaram e acabaram por retornar por não encontrar onde pousar. Na terceira tentativa realizada por Noé, este soltou novamente uma pomba, a qual retornou carregando uma folha de oliveira em seu bico. Noé entendeu que as águas já estavam baixando, este então esperou mais alguns dias até soltar a ave novamente, a ave não mais retornou e Noé então sabia que as águas haviam baixado (GENESIS, 8: 6 -12, 2002).

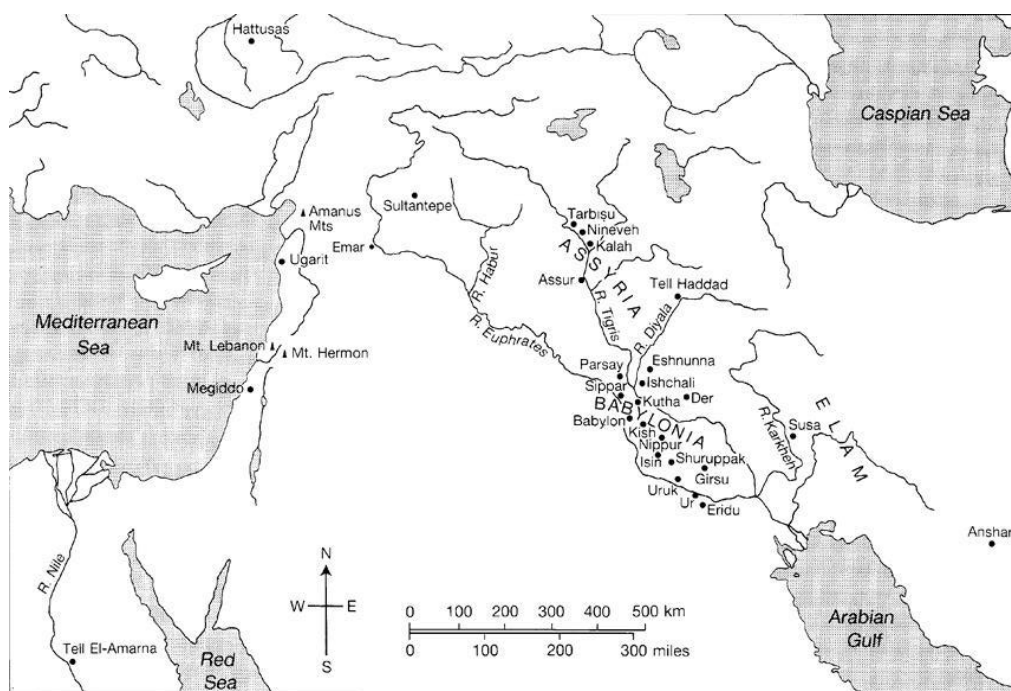
A pretensão de afirmar a influência direta da epopeia de Gilgamesh, da mitologia diluviana entre outros mitos mesopotâmicos sobre os povos hebreus é impossível de se apontar com certeza, pois, até mesmo os povos mesopotâmicos aqui abordados (sumérios, assírios e babilônicos), podem e provavelmente foram influenciados por outros povos ainda mais antigos. Porém, dada a importância destas grandes civilizações das regiões da crescente fértil, e dada a própria efervescência da vida nesta região dos constantes contatos, influências e relações políticas, econômica e religiosas já discutidas aqui de maneira breve, é muito provável que isto tenha acontecido em maior ou menor grau.

Mas, também é importante observar que estas apropriações não foram meras cópias de um para o outro. Neste processo de influências culturais, que vemos aqui discutindo desde o início, há sempre o espaço para as adaptações e modificações de significados e sentidos dados a estas crenças mitológicas, como ressalta Bottéro especificamente sobre o caso hebreu:

A descoberta, em 1872, por George Smith, das confluências entre o relato bíblico e relatos mesopotâmicos mais antigos, em especial os do Dilúvio, mudou as coisas. Os empréstimos, numerosos, foram a partir de então recenseados. Mas não é por isso que se deve ceder ao erro inverso: o Antigo Testamento não é uma mera variante das sabedorias do Crescente Fértil. Ele emprega seu material, mas transforma-lhe radicalmente o sentido (BOTTÉRO, 2011, p. 15).

4. REDESCOBERTA DE UM MUNDO E O LEGADO DE GILGAMESH

Figura 1 – Mapa da Antiga Mesopotâmia e arredores



Fonte: DALLEY, Stephanie. Myths from Mesopotamia creation, the flood, Gilgamesh, and others.

É importante destacar e trazer para o debate neste momento, os resultados das pesquisas e escavações arqueológicas realizadas no Antigo Oriente Próximo, primordialmente, na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. Tais escavações trouxeram à tona toda a grandiosidade das antigas civilizações da Antiga Mesopotâmia, que há milênios foram encobertas e esquecidas nas vastas

planícies desérticas do Oriente. Estas escavações possibilitaram a redescoberta e decifração da mais antiga forma de escrita, a cuneiforme, bem como, o conhecimento de um povo que até o século passado não se sabia da existência, os Sumérios. Estes foram os primeiros criadores e divulgadores de nosso épico (KRAMER, p. 3-7, 1963; PEDRO, p. 1-11, 2015).¹³ Se faz necessários também, abordar a trajetória da composição da fonte principal selecionada para a pesquisa, a epopeia de Gilgamesh. Tendo em vista a larga história, divulgação, importância e reedições de tal fonte. Entende-se necessário realizar uma visão geral das diversas versões existentes da epopeia de Gilgamesh, esclarecendo suas particularidades, e contexto em que foram editadas dando maior atenção a versão conhecida como padrão da epopeia, que será tida como fonte para a pesquisa.

Para se abordar a história desses povos, em qualquer perspectiva, é necessário fazer um breve apanhado da história das descobertas arqueológicas ocorridas principalmente no século passado. É importante destacar que, apesar de sua importância para a história da civilização, de seu alto grau de conhecimento, sua capacidade de desenvolver novas técnicas, adaptação e sua vasta influência sobre grande parte do Antigo Oriente e até mesmo sobre o Ocidente, as cidades e grande parte da história dos povos da Antiga Mesopotâmia ficaram por milênios esquecidas em nossas memórias, encobertas por toneladas de areia das vastas planícies próximas as antigas margens dos rios Tigre e Eufrates. Não era de desconhecimento das pessoas que nas planícies da Antiga Mesopotâmia tinham se desenvolvido grandes e poderosos impérios. O velho

¹³ A Mesopotâmia, como fora denominada pelos antigos historiadores gregos – terra entre rios – tem sua localização, em sua maior parte, nas terras hoje correspondentes ao Iraque. Perpassada pelos rios Tigre e Eufrates, que nascem nas montanhas da Armênia e desaguam no Golfo Pérsico. Seu clima é basicamente seco, além disso, é uma terra carente de recursos, como pedra, madeira, entre outros itens essenciais para o desenvolvimento de uma civilização na Antiguidade. Como se pode observar na imagem acima, esta região ocupou grande parte da chamada crescente fértil, que foi de essencial importância para o florescer das cidades. No auge da dominação de seus grandes impérios, como o Assírio e o Neobabilônico, estes chegaram a dominar toda a extensão do Antigo Oriente Próximo, partes da Anatólia, o Leste na região da antiga Elam e o Oeste nas margens do rio Nilo do reino egípcio, chegando a fazer transações comerciais até mesmo com as regiões mediterrânicas do Ocidente (BOTTÉRO, 2001; FURARI, 2009; VERNANT, 2002). A Antiga Mesopotâmia estava basicamente dividida por duas principais regiões e grupos. Em sua parte Sul, próximo ao Golfo Pérsico, se estabeleceu um grupo denominado como Sumérios, que até os dias atuais tem suas origens envolta em muita obscuridade. Primordialmente por falta de fontes, determinar o passado dos sumérios ainda é tarefa árdua, “que eles existiram, tanto como um grupo étnico e como uma cultura, é irrefutavelmente provado pela sua língua” (BOTTÉRO, 2000, p. 8-9, Tradução nossa), mas, traçar suas origens ainda exigirá muitos estudos, podendo nunca chegar a resultados conclusivos. Contudo, muito provavelmente, este povo é oriundo das terras da antiga Elam, nas regiões mais centrais do que hoje é o Irã. Nas regiões mais ao Norte da Mesopotâmia, se estabeleceu um outro grupo, este por sua vez de origem semita, o mais antigo grupo deste tronco linguístico a se estabelecer nestas terras, os Acádios. (BOTTÉRO, 2001). A ocupação da Mesopotâmia, principalmente por esses dois povos, com o passar do tempo será determinante para a formação cultural dos diferentes povos que habitaram e formaram importantes impérios nessa região durante séculos.

Testamento da bíblia cristã está cheio de referências sobre essas antigas civilizações, como por exemplo a cidade de Erech, a Uruk, de Gilgamesh, que aparece na bíblia como parte dos reinos iniciais do império de Ninrode, “E o princípio de seu reino foi Babel, e Ereque, e Acade, e Calné, na terra de Sinar” (GENESIS, 10, 10). Desde o século XII, ocorreram viagens a essas regiões, onde se teve contatos com as antigas ruínas. No século XIX, em um momento de fascinação da Europa pela Antiguidade, diversas escavações e pesquisas foram realizadas nos montes de áreas dessas regiões, trazendo à tona diversas peças de importante valor e contribuições para o conhecimento dessas civilizações, porém, ainda de forma desordenada e sem se importar com os detalhes.

Desta forma, foi somente no século XX, já com uma disciplinarização da Arqueologia, com usos de técnicas e métodos em escavações é que toda a grandiosidade e importância da Mesopotâmia para o início da história humana veio à tona. (KRAMER, 1969, p. 11-12). Após séculos caídos no esquecimento, a Mesopotâmia, e mais especificamente o povo Sumério, volta ao conhecimento geral. O maior entendimento sobre estas civilizações, porém, não ocorreu antes de impor grandes desafios aos pesquisadores, que se propunham a desvendar os mistérios desses antigos habitantes das margens do Tigre e Eufrates, que em primeiro momento, nem se tinha ideia da existência. Em seu livro, que tem por título, “The Sumerians”¹⁴, Samuel Noah Kramer, realiza um breve caminho de demonstração do processo de pesquisas históricas e escavações arqueológicas que levaram a um maior conhecimento das civilizações da Antiga Mesopotâmia e que será de importância para os próximos parágrafos.

Os contatos com as ruínas das antigas civilizações da Mesopotâmica não são recentes. É certo que, as primeiras percepções em torno dos vestígios dessa civilização, que se têm registros, remontam ao século XII, quando um rabino de Navarra de Nome Benjamim, filho de Jonas, visitou a cidade de Monsul e identificou as ruínas aos redores como da antiga cidade de Niníve. “On the other hand, the identification of Babylon was not made until 1616, when the Roman Pietro della Valle visited the mounds in the neighborhood of modern Hilla”¹⁵ (KRAMER, 1963 p. 7). Este personagem além de realizar descrições das ruínas identificadas como sendo da antiga Babilônia, tão conhecida a partir dos escritos bíblicos, também coletou e levou para Europa tijolos

¹⁴ KRAMER, Samuel N. *The Sumerians: Their History, Culture, and Character*, Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1963.

¹⁵ Por outro lado, a identificação da Babilônia não foi feita até 1616, quando o romano Pietro della Valle visitou os montes no bairro da moderna Hilla

com estranhos escritos, estas peças foram os primeiros exemplos de escrita cuneiforme a chegar na Europa, “ainda que não passassem de meras curiosidades, pois, ninguém sabia como decifrar a escrita.” (PEDRO, 2015, p. 6).

Mas foi, sem dúvida, no começo do século XVIII, com expedições de viajantes às ruínas da cidade de Persépolis, a capital do Império Aquemênida da Persia (559-331 a.C.), nos Montes Zagros, que os estudos sobre a Antiguidade Oriental tiveram um grande impulso. (POZZER, 1998-1999, p. 66).

Dentre as importantes contribuições destes cientistas, se pode destacar os desenhos e esboços feitos por Karsten Niebuhr, matemático dinamarquês que a partir de esboços deu um melhor entendimento sobre as antigas ruínas de Niníve, além de fazer esboços das escritas cuneiformes, que posteriormente ajudaram na decifração da mesma. Em momento posterior, Abbe Beauchamp, realizou as primeiras escavações propriamente ditas na Mesopotâmia, mas especificamente nas antigas ruínas da Babilônia, descrevendo objetos tais como o famoso Portal de Istar, e cilindros com inscrições, que posteriormente ficaram conhecidas como sendo a escrita cuneiforme. (KRAMER, 1963, p. 7-8).

A partir do maior contato com vestígios dessa antiga cultura, a própria companhia das Índias Orientais, autorizou seus agentes a realizar escavações, dentre estes Claudius James Rich teve papel importante em novas descobertas em torno das antigas ruínas da Babilônia. Os estudos de Rich, segundo Kramer (1963), marca o nascimento da Assiriologia e os estudos relacionados ao cuneiforme.

A partir do ano de 1842, houve o início das mais numerosas e constantes escavações nas regiões onde hoje é o Iraque, que se iniciaram com as realizadas por Paul Emile Botta. Três anos mais tarde, Austen Henry Layard, ao realizar uma de suas escavações na cidade de Niníve, desenterrou um dos mais importantes locais para os estudos da antiga Mesopotâmia, a biblioteca de Asurbanipal. Esta importante descoberta, trouxe à tona milhares de peças e documentos com as inscrições cuneiformes, que ainda nesse momento, não se tinha qualquer noção de significado. Foi nesse momento do século XIX, que as incansáveis tentativas de decifração dos caracteres cuneiformes finalmente chegaram a estágios mais conclusivos, a partir principalmente dos esforços de H. Rawlinson, Edward Hincks e Jules Oppert. Em 1869, a partir de palestra ministrada por Oppert, se trouxe de vez ao conhecimento geral a existência de um povo não semita na antiga Mesopotâmia, que fora denominado por Oppert como sumérios.

Pouco tempo após as conclusões de Hincks, Rawlinson e Oppert, duas escavações em locais sumérios acabaram por dar provas da existência desse povo. A primeira delas foi dirigida por um grupo de franceses, que tinha no comando Ernest de Serzec, ocorrida em 1877, na cidade de Telloh, ruínas da antiga Lagash. A segunda significativa escavação realizada em um local sumério, foi dirigida por pesquisadores da Universidade da Pensilvânia, que realizaram quatro longas escavações na antiga cidade suméria de Nippur. (KRAMER, 1963, p. 9-23).

Esses são apenas alguns pontos, colocados de forma muito breve, para se ter uma noção do desconhecimento a respeito desses povos da Antiga Mesopotâmia e como gradativamente a sua existência, em um passado tão distante, foi trazida novamente ao conhecimento geral. É importante destacar que, a partir do maior conhecimento desses povos nas décadas que se seguiram a esses momentos de grandes descobertas arqueológicas, passou-se a se ter também maior entendimento da própria formação e desenvolvimento da cultura desses povos de escrita cuneiforme. Encarando agora a constituição desses povos oriundos de sumérios, acádios e outros povos que constantemente adentravam e integravam esta região deixando suas contribuições para a formação da cultura mesopotâmica.

4.1 O LEGADO DE GILGAMESH

A respeito da historicidade de nosso personagem principal na fonte, o rei e herói Gilgamesh, o que se sabe de sua história é limitado pela quantidade de fontes a seu respeito. Comprovar a existência do herói Gilgamesh ou suas aventuras, como é descrito nas antigas fontes literárias não se vê provável, ou mesmo possível. Até mesmo a historicidade de Gilgamesh é ponto delicado de se afirmar pela falta de documentos escritos deixados diretamente por ele em seu reinado, podendo somente ser encontradas referências ao seu nome em documentos escritos oriundos de outras origens, de reinados e períodos outros, não diretamente ligadas a Gilgamesh e seu reinado.

Dentre as fontes que mencionam o nome de Gilgamesh está a conhecida *Lista dos Reis Sumérios*, que ao lado da *Inscrição de Tummal*, é o documento que mais significativamente atestada Gilgamesh como importante governante, tendo sido o quinto rei oriundo da primeira Dinastia de Ur, que os pesquisadores posicionam no período da segunda metade do segundo milênio. Apesar da incerteza das datas que encontramos

neste documento, e certas alterações de datação na cronologia, como períodos de duração dos reinados (reinados com centenas de anos), este documento acabou por ser de grande importância na consolidação do nome de Gilgamesh como um poderoso rei de Uruk e um exemplo para os demais. Nos séculos posteriores, a fama de Gilgamesh é atestada por diversos textos não literários:

Nonliterary texts indicate that by the Fara Period (ca. twenty-sixth or twenty-fifth century), Gilgamesh was regarded as a god⁵⁰ and that offerings were made to him in Early Dynastic Lagash (before the middle of the twenty-fourth century) and in several towns under the third dynasty of Ur (Ur III, ca. twenty-first century),⁵¹ whose kings claimed Gilgamesh as their brother.⁵² By the Ur III Period, he was regarded as king and judge of the netherworld, the role in which he was best known in Mesopotamian magic and religion in the first millennium.⁵³ (TIGAY, 2002, p. 13-14).¹⁶

A figura de Gilgamesh tornou-se objeto de devoção entre os mesopotâmicos atribuindo-lhe votos, oferendas e festivais. Gilgamesh também possuía fama por outras importantes conquistas e feitos atribuídas a ele. Dentre elas, a construção das famosas grandes muralhas de Uruk, que foram atestadas pelos arqueólogos de terem realmente existido, datando do período II dinástico (2600 – 2500 a. C.). A tradição de cortar cedros também é atribuída a Gilgamesh como um dos pioneiros, atividade que pode ser encontrada em registros com nomes de diversos antigos reis mesopotâmicos que viajavam a diversas regiões dos planaltos mesopotâmicos para conseguir tal madeira para seus templos e palácios (SEUDIN, p. 9, 2017). Se as representações de Gilgamesh realmente fazem jus as características do real Gilgamesh é impossível de ser confirmar, mas a popularidade e veracidade de sua existência é algo difícil de ser negado.

Uma das mais populares e conhecidas tradições oriundas da Antiga Mesopotâmia e que envolvem o nome de Gilgamesh, está relacionada à já mencionada construção das grandes muralhas da cidade de Uruk. A tradição coloca as muralhas como grandes e fortificadas, um grande feito de Gilgamesh as quais ninguém igualará como se atesta já nas primeiras linhas de seu épico:

Fez a muralha de Úruk, o redil,

¹⁶ Os textos não literários indicam que, pelo Período de Fara (ca. 26/25), Gilgamesh era considerado um deus e que as oferendas foram feitas a ele no início da Dinastia Lagash (antes da metade do século vinte e quatro) e em várias cidades sob a terceira Dinastia de Ur (Ur III, século XXI), cujos reis alegavam Gilgamesh como seu irmão. No período Ur III, ele era considerado rei e juiz do mundo dos mortos, o papel no qual ele era mais conhecido na magia mesopotâmica e na religião do primeiro milênio. (TIGAY, 2002, p. 13-14, Tradução nossa).

E o sagrado Eanna, tesouro purificado.
Vê sua base: é como um fio de lã,
Repara seus parapeitos, que ninguém igualará.
Toca a escadaria, que há ali desde o início,
Aproxima-te do Eanna, residência de Ishtar,
O qual nem rei futuro nem homem algum igualará.
Faze a volta, ao alto da muralha de Úruk vai,
Seu fundamento examina, os tijolos observam
Se seus tijolos não são cozidos,
Se seu alicerce não cimentaram os sete sábios

(SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Tablet I, 11-21)

Segundo George (p 91-92, 2003), a popularização desta tradição é encontrada fora do épico de Gilgamesh. Esta tradição seria oriunda dos tablets de Anam, um dos governadores da cidade de Uruk, ainda nos séculos XIX a. C. Contudo, a atribuição da construção das grandes muralhas de Uruk, feita por Anam a Gilgamesh, não parece ser baseada em evidências reais, mas oriundas de uma tradição já consumada em que tal grande feito só poderia ter sido realizado pelo maior rei de Uruk, sendo Anam neste momento, um reconstrutor e fortalecedor de algo feito anteriormente a ele.

Outro importante documento que consta o nome de Gilgamesh é a *Inscrição de Tummal*. Este foi um texto literário muito usado nas escolas de escribas da Antiga Babilônia, por conta de sua ótima qualidade. Neste artefato arqueológico, se tem uma descrição cronológica das várias ações de construção de diferentes governantes mesopotâmicos em diferentes templos de adoração a Enlil, em Nippur, bem como, as reconstruções dos filhos dos respectivos governantes, para a Ninlil, próximo a Tummal. A importância da inscrição de Tummal se dá pelo fato de esta atestar Gilgamesh em meio a reis como Enmebaragesi, Mesanepadda, Meskgianunna. Todos estes reis são atestados de serem figuras históricas, por meio de inscrições de suas próprias autenticidades, o que dá importantes indícios da própria historicidade de Gilgamesh (GEORGE, 2003, p. 104-106).

4.2 DIFUSÃO E REEDIÇÕES DA EPOPEIA DE GILGAMESH

De uma forma ou de outra, a fama da figura de Gilgameh foi extremamente vasta no mundo Antigo. Dentre tais literaturas que mencionam Gilgamesh, a epopeia que narra suas aventuras e feitos foi das mais populares, chegando a causar admiração até os dias atuais, e trazendo ao nosso conhecimento tal personagem. Desde sua descoberta, entre as ruínas da Antiga Mesopotâmia, a epopeia ou épico de Gilgamesh

recebeu diversas traduções modernas, causando fascinação, admiração e reconhecimento da riqueza histórica, literária que carrega. Porém, é importante elucidar as características e diferentes versões que existem desta epopeia, bem como, de seu contexto de produção. Somente assim, podemos ter um melhor entendimento desta fonte. Os textos contendo a história de Gilgamesh são pequenas tábuas de argila escritas em escrita conhecidas como, cuneiformes. Possuem inscrições em duas colunas de um lado e outro, com os mais variados estados de conservação. Tal épico é oriundo de diversas regiões da Mesopotâmia e também da Anatólia, atual Turquia.

A escrita cuneiforme, por se encontrar transcritas em tábuas de argila, puderam ser preservadas por longos períodos de tempo, após serem deixadas ou enterradas nas ruínas da Antiga Mesopotâmia, variando, deste os mais antigos até os mais recentes documentos, em mais de três milênios de história. “Cuneiform writing was invented in the city-states of lower Mesopotamia in about 3000 BC” (GEORGE, 2003, p. XV). De acordo com a historiadora brasileira Katia Pozzer (1999), tal escrita nasceu após um período em que a agricultura se desenvolveu, dando margem para os seres humanos terem tempo e se especializarem em outras habilidades. “O nascimento da escrita inscreve-se nesse contexto histórico, com essa nova percepção de tempo e de espaço por parte das populações que ocupavam as planícies aluviais da Baixa Mesopotâmia.” (POZZER, 1999, p. 62).

A epopeia de Gilgamesh, que chegou até nós por meio de tais fontes impressas em tábuas com escrita cuneiforme, teve sua primeira aparição em meados do século XIX, a partir das escavações Henry Layard e Hormuzd Rassam nos restos da antiga biblioteca de Assurbanipal (668-627 a. C), na antiga cidade de Niníve. Neste importante sítio arqueológico, foram encontradas grandes quantidades dessas peças de argila dos mais variados conteúdos (SEUDIN, 20016-2017, p. 6.). “The tablets discovered were from its latest and best-known version, that of the first millennium B.C.E. (often termed the "late" or "Standard Babylonian" version). Analysis of this version shows it to be, on the whole, coherent, integrated, and well structured” (TIGAY, 2002, p. 3)¹⁷. O historiador George Smith foi o primeiro a ordenar e organizar os diversos fragmentos do épico em 1860, quando também pela primeira vez traduziu uma história paralela ao dilúvio bíblico dentro da epopeia.

¹⁷ As tabuinhas descobertas eram de sua versão mais recente e mais conhecida, a do primeiro milênio a.C. (frequentemente denominado a versão "tardia" ou "Babilônia padrão"). A análise desta versão mostra que ela é, em geral, coerente, integrada e bem estruturada (TIGAY, 2002, p. 3).

Nas décadas posteriores, diferentes versões mais antigas e correlatas foram desenterradas em diversas regiões da Antiga Mesopotâmia e fora dela. Com isso, se pôde identificar uma certa evolução que tal narrativa sofreu ao longo dos séculos e que ao fim serviu, como base para a composição da chamada versão padrão da epopeia. (TIGAY, 2002, p. 3).

A versão padrão (encontrada na biblioteca de Assurbanipal, em Niníve) parte de um objetivo do rei em adquirir e copiar todos os textos possíveis das cidades aos arredores, que pudessem ajudá-lo a desenvolver conhecimentos para a administração do seu reino. Neste momento, os escribas contratados pelo rei copiavam diversos textos dos mais variados conteúdos e importância, criando as chamadas versões padrão. Estes documentos seguiram sendo transmitidas e reeditadas até a escrita cuneiforme deixar de ser a língua e escrita oficialmente utilizada pelos impérios que dominaram a região posteriormente. Dentre todas estas escrituras estavam as diferentes narrativas que envolviam Gilgamesh. (GEORGE, 2003, p. XXIV).

A versão padrão da epopeia é tradicionalmente atribuída ao escriba e exorcista de nome Sin-liqe-unninni, que significa “O deus da lua, aceita minhas preces”. Não se sabe muito a respeito deste personagem, além de sua profissão de exorcista (de muita importância no período), porém, segundo George:

Current opinion supposes that he lived some time in the thirteenth to eleventh centuries. He could not have been the original composer of the Babylonian epic, for a version of it already existed in the Old Babylonian period, but probably he gave it its final form and was thus responsible for the edition current in firstmillennium libraries, the text that here we call the standard version (GEORGE, 2000, p. XXIV-XXV).¹⁸

Contudo, para além da versão padrão, o épico de Gilgamesh conhece versões variadas que foram produzidas em diferentes momentos dentro da história das civilizações mesopotâmicas, como também oriundas de outras regiões mais ao Ocidente.

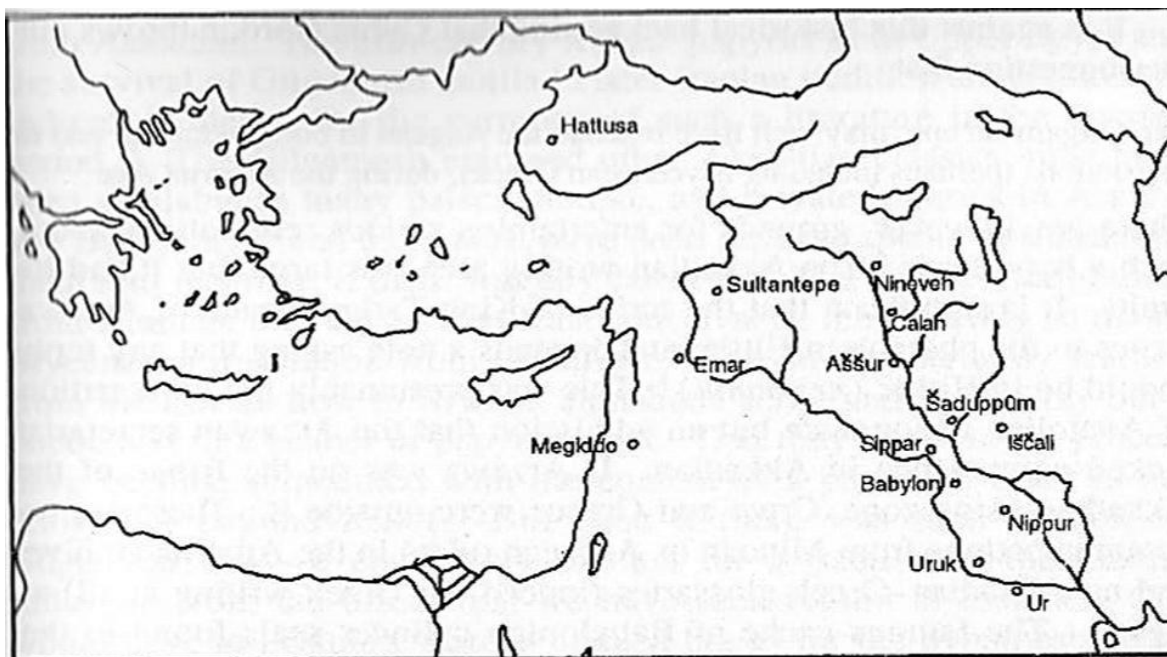
By the Middle Babylonian period (1600-1000 BC), the epic circulated outside Mesopotamia. The popularity that the epic came to acquire made the demand for copying and transmitting it throughout the west: regions like Syria, Palestine, Anatolia, Egypt, and Greece adapted the story into their context (SEUDIN, 2016-2017, p. 11).¹⁹

¹⁸ A opinião atual supõe que ele viveu algum tempo no décimo terceiro ao décimo primeiro séculos. Ele não poderia ter sido o compositor original do épico babilônico, pois uma versão dele já existia no período babilônico antigo, mas provavelmente ele deu sua forma final e foi responsável pela edição corrente nas bibliotecas do primeiro milênio, o texto que aqui nós chamamos a versão padrão. (GEORGE, 2000, p. XXIV-XXV, Tradução nossa).

¹⁹ No período babilônico médio (1600-1000 aC), o épico circulou do lado de fora Mesopotâmia. A popularidade que o épico veio a adquirir exigiu a cópia e transmiti-lo por todo o Oeste: regiões como a

Tal disseminação foi resultado da internacionalização que a escrita cuneiforme alcançou principalmente a partir do século XIV, onde o Faraó egípcio, potência do momento, comunicava-se com os demais impérios, como o hitita e babilônico por correspondências oficiais em caracteres acádios cuneiformes. Os escribas foram treinados na escrita cuneiforme para atender as demandas dos seus senhores, com isso, textos acadêmicos e literários com a língua acadiana acabaram por serem copiados em larga escala em diversas regiões. (GEORGE, 2003, p. XXVI-XXVII). Com isso, tábuas com a epopeia de Gilgamesh foram replicadas em cidades como Hattusa (Moderna Bogazkoy) na Anatólia, bem como, em Akhetaten (el-Amarna) no Alto Egito, Ugarit (Ras Shamra), em Emar (Tell Meskene), Megiddo em Canaan. Também na própria Mesopotâmia como Assur, Calah, Ur, Sultantepe, assim como tábuas mais antigas em escrita suméria. Esta longa tradição de educação de escritas, em torno da escrita cuneiforme, que perdurou por séculos e em certos pontos por milênios, proporcionaram a disseminação destas obras dentro do vasto território do Antigo Oriente Próximo. Isto pode ser observado no mapa abaixo, com os locais onde cópias e traduções da epopeia de Gilgamesh foram encontradas, muitos já citados anteriormente.

Figura 2 – Mapa de sítios arqueológicos onde foram encontrados textos com a narrativa de Gilgamesh



Fonte: M. L. West. The East face of Helicon: West asiatic elements in greek poetry and myth.

Síria, Palestina, Anatólia, Egito, e Grécia adaptou a história em seu contexto. (SEUDIN, 2016-2017, p. 11, Tradução nossa).

Dentre os diversos fragmentos que se referem a da figura de Gilgamesh, os mais relevantes são os poemas de origem sumeriana, os da versão babilônica antiga e os do império Hitita da Anatólia. Todos deram contribuições na construção padrão, e posteriormente foram utilizados para preencher as lacunas desta. Por sua relevância, optamos por também traçar um breve panorama sobre as versões sumeriana e babilônica antiga da epopeia de Gilgamesh.

4.3 OS CONTOS SUMÉRIOS SOBRE GILGAMESH

Os contos sumérios foram possivelmente escritos em um período entre 2000 e 2100, durante o reinado do rei Shulgi (2094-2047 a. C). Os contos sumérios são cinco: Gilgamehs e o Touro do céu, Gilgamesh e Huwawa (Também intitulado Gilgamesh e a Terra dos vivos), Gilgamesh e Agga, A morte de Gilgamesh e Gilgamesh, Enkidu e o mundo dos mortos. (SEUDIN, 2016-2017). Em certo momento, o sumério passou a perder espaço como língua falada na Mesopotâmia frente ao acadiano, porém, como língua escrita erudita acabou por ganhar novamente espaço em um período conhecido como *Renascimento sumério*. Este período corresponde ao momento em que o rei Shulgi, um importante rei da célebre terceira Dinastia suméria, famoso por seu intelecto, educação, atletismo e habilidades enquanto guerreiro desenvolveu bibliotecas, centros de saber dos escribas, em toda a extensão do seu império, preservando assim, grande quantidade do corpo literário sumério. (GEORGE, p. XVII, 2003).

Segundo George (2003), a tarefa de organizar e traduzir tais fragmentos sumérios foi realizado de forma pioneira pelo exemplar pesquisador e sumerólogo Samuel Noah Kramer, e seus alunos da Universidade da Pensilvânia. Dentre tal literatura suméria, alguns contos ganharam destaque publicamente, estão os contos sobre Gilgamesh (ou Bilgamesh, como são conhecidos na língua suméria):

Kramer in his essay "The Epic of Gilgames and Its Sumerian Sources" (1944).⁷⁹ It was Kramer who first showed empirically that Gilgamesh was based on a number of originally unconnected tales, written in Sumerian, which did not constitute a single epic. These tales, in Akkadian adaptations,

were first joined together into a literary whole with a unified theme and meaningful plot sequence by later hands (TIGAY, 2002, p. 19).²⁰

4.4 A VERSÃO BABILÔNICA ANTIGA

A antiga recensão babilônica é a primeira versão da epopeia de Gilgamesh onde se pode encontrar uma tentativa de um conto coerente, formando um conjunto de contos estruturados com as histórias de Gilgamesh. Tal versão, teria sido escrita durante o período entre 2000 a 1800 a. C. Sendo os principais contos ausentes nesta versão a luta contra o touro celeste, Enkidu amaldiçoando a prostituta, o sonho de Enkidu no mundo dos mortos e a história do dilúvio (SEUDIN, p. 13-14, 2017). Neste momento textos de origem e língua acadiana não eram populares e produzidos pelos escribas em treinamento nas escolas, isto resulta na raridade de se encontrar tais fontes. Dentre as fontes importantes dessa característica e que nos permitem saber um pouco mais sobre a história de Gilgamesh, estão as duas tábuas conhecidas como da Pensilvânia e de Yale e o fragmento de possivelmente oriundo de Sippar. Tais contos também possuem uma origem muito provavelmente oral (GEORGE, 2003, p. XX-XXI).

É importante ressaltar que, não há confirmação a respeito da existência de uma versão integrada da antiga versão babilônica como se encontra, por exemplo, na versão padrão posterior. A confirmação de um autor também é outra lacuna, não se tendo confirmação se foi trabalho de um único escriba ou de diferentes autores. Isto levou os pesquisadores a estipular sobre a existência de diferentes recensões, sem a certeza de quantas edições poderiam ter existido e sendo trabalho difícil a datação do surgimento da versão padrão da epopeia (SEUDIN, p. 13-14, 2017).

5. GILGAMESH E ODISSEU, ALGUMAS SEMELHANÇAS

Como dito anteriormente, desde o momento em que as primeiras tábuas de argila foram descobertas tais semelhanças vêm sendo propostas entre Gilgamesh e

²⁰ Kramer, em seu ensaio 'A epopéia de Gilgames e suas fontes sumérias' (1944), foi Kramer quem mostrou empiricamente que Gilgamesh se baseava em vários contos originalmente não relacionados, escritos em sumério, o que não constituía um único épico. Esses contos, em adaptações acádicas, foram reunidos pela primeira vez em um todo literário com um tema unificado e sequência de trama significativa por mãos posteriores. (TIGAY, 2002, p. 19, Tradução nossa).

Odisseu, até mesmo entre Gilgamesh e outros antigos textos, como por exemplo, a bíblia cristã. Dentre os diversos momentos de proximidade que encontramos dentro dos dois épicos que poderiam ser comparados, optou-se por selecionar dois momentos específicos para buscar realizar os objetivos inicialmente propostos pela presente pesquisa. O primeiro deles, diz respeito aos episódios onde nossos heróis se encontram com mulheres que possuem importantes participações nas narrativas, no caso Siduri no épico de Gilgamesh e Calypso e Circe junto a Odisseu, momentos estes sempre colocados entre os principais em trabalhos que abordam tais narrativas. Além deste episódio citado, existem diversos outros momentos pontuais, de particulares similaridades que serem aqui demonstrados.

A primeira vista, os nossos heróis tem uma quantidade significativa de similaridades difíceis de serem ignoradas, tanto em suas características físicas e morais, mas principalmente nas jornadas, aventuras e eventos que ambos vivenciaram e a sabedoria que foi adquirida a partir disso, retornando aos seus láres mais maduros. Assim como o nosso rei de Uruk, que demonstra ser valoroso astuto e destemido nosso bravo personagem de Itáca também demonstra as mesmas qualidades diante de seus obstáculos em seu caminho de volta para casa. Ambos se deparam com seres fantásticos e descobrem o desconhecido. Ambos se deparam com a possibilidade de imortalidade, Gilgamesh tendo isto como seu maior objetivo durante o épico, mas que acaba por perder a chance de possuí-la e Odisseu que tem a chance de conquistá-la, mas acaba por recusar.

É certo que, Gilgamesh possui visíveis proximidades com outro herói dos épicos homéricos, tal como Aquiles, importante personagem da Ilíada. As semelhanças entre Gilgamesh e Aquiles não são poucas a ponto de serem ignoradas. Como pontua Mark West (p. 336-337, 2003), a primeira vista o que podemos apontar é o fato de ambos os heróis serem filhos de deuses e por este mesmo motivo, possuem parte humano e parte divino. Gilgamesh, como descrito no seu épico, é dito ser filho de Lugalbanda, antigo rei de Uruk, junta a deusa Ninsun, e por esta feita “dois terços ele é um deus, um terço é humano”²¹. Aquiles, por sua vez, é filho do rei Peleus com a deusa Thetis, sendo considerado, como os antigos gregos denominavam, como um semi-deus, metade divino. É com ambos os heróis que o tema da amizade aparece de forma muito sensível e tem importantes impactos nas ações e mudanças de rumos nas histórias de ambos os

²¹ SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Tablet I, Linha 1-13.

personagens. Episódios estes que acabam por ser os pontos que mais aproximam os heróis. Gilgamesh que, com a morte de seu companheiro e amigo Enkidu, acaba se sentindo profundamente devastado emocionalmente, o que o levou a empreender a sua jornada em busca da imortalidade, encontrando Uta-napíshtim e retornando para casa mais sábio e um melhor rei. Aquiles, por sua vez, entra em um estado emocional de grande turbulência também após a perda de seu amigo, neste caso, Patroclo, morto em batalha. Isso faz com que o herói passe por dias de fúria e instabilidade emocional até que aceite com mais facilidade a condição humana de mortalidade e perda (WEST, p. 338-341, 2003).

Apesar de Odisséu não compartilhar das mesmas características pessoais, e habilidades de Gilgamesh, o que aproxima os dois de forma mais próxima são as jornadas que estes realizam o que acontecem nestas jornadas e os aprendizados adquiridos para em segunda o momento de retorno aos seus láres. Já nos momentos iniciais das narrativas, é de chamar à atenção a forma similar em que ambos os épicos começam a apresentar os heróis e seus feitos:

Ele que o abismo viu, o fundamento da terra,
[1]

Seus caminhos conheceu, ele sábio em tudo,
Gilgámesh que o abismo viu, o fundamento da
terra, [3]

Seus caminhos conheceu, ele sábio em tudo,
Explorou de todo os tronos, [5]

De todo o saber, tudo aprendeu,
O que é secreto ele viu, e o coberto descobriu,
[7]

Trouxe isto e ensinou, o que antes do dilúvio
era.

De distante rota voltou, cansado e apaziguado,
[9]

Numa estela se pôs então o seu labor por
inteiro.

Fez a muralha de Úruk, o redil, [11]

E o sagrado Eanna, tesouro purificado.²²

Do varão me narra, Musa, do muitas-vias, que
muito

vagou após devastar a sacra cidade de Troia.

De muitos homens viu urbes e a mente
conheceu,

e muitas aflições o sofreu no mar, em seu
ânimo,

5. tentando garantir sua vida e o retorno dos
companheiros.

Nem assim os companheiros socorreram,
embora ansiasse:

por iniquidade própria, a deles, pereceram,

tolos, que as vacas de Sol Hipérion

devoraram. Esse, porém, tirou-lhes o dia do
retorno.²³

²² A edição principal do épico de Gilgamesh aqui utilizada é a mais recente traduzida no Brasil. Trabalho do professor Doutor Jacyntho Lins Brandão que tem por título *Ele que o abismo viu*, de 2017.

²³ A edição da Odisseia aqui utilizada é uma trabalho de tradução do professor Doutor Christian Werber, de 2014.

Dentre tantas similaridades bem peculiares existentes entre os épicos, é interessante destacar os episódios em que os heróis encontram determinadas entidades divinas que acabam sendo de papel fundamental para a mudança de rumos que estas dão a trajetória destes heróis, sendo estas entidades de importância fundamental para ambos. Os encontros de Gilgamesh com Siduri, bem como, de Odisseu com as deusas Calypso e Circe, geram comparações em muitos pontos que aproximam estas personagens e suas ações dentro de ambos os épicos.

Principalmente ao falar de Siduri e Circe, podemos colocar ambas as deusas como essenciais em determinados pontos das trajetórias. Gilgamesh, após muito errar por diferentes lugares e enfrentar alguns dos desafios, vai ao encontro de Siduri, no intuito de que o diga como chegar a morada de Uti-napíshtin, o distante. Sidure então, após advertir Gilgamesh sobre a dificuldade e a fragilidade dos objetivos, indica a Gilgamesh que este vá ao encontro de Ur-Shánabi, barqueiro, para atravessar as águas da morte e levá-lo a Uta-napíshtin (SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Table X, 67-81). A deusa Circe, por sua vez, também desempenha papel importante na trajetória do herói de Itaca, encaminhando-o ao adivinho Tirésias, que se encontra no Hades, que vem a auxiliar Odisseu nos próximos passos que este deve tomar (ODISSÉIA, Conto X, 480-450). Dos episódios de Siduri deriva outro momento com paralelos na Odisseia.

Ao chegar ao local de morada de Ur-shánabi, o barqueiro, Gilgamesh por impulso acaba por esmagar as criaturas de pedra que auxiliavam Ur-shánabi a atravessar as águas da morte. Ao solicitar que Ur-shánabi o ajude a chegar a Ut-napíshtin, Ur-shánabi diz a Gilgamesh que suas ações de acabar com o de pedra o iriam impedir de chegar ao seu objetivo. Com isso, Gilgamesh teria que ir a floresta e cortar 300 estacas para conduzir o barco na travessia (SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Tablet X, 147-167). Tal episódio se conecta com outro episódio da Odisséia, não com a deusa Circe, mas sim com outra das importantes personagens desse poema, a deusa Calypso. Ao receber a mensagem de Hermes, que Zeus ordenou que Calypso libertasse e ajudasse Odisseu a seguir seu caminho, a deusa orienta o herói que este também corte troncos para assim construir uma balsa e realizar sua viagem pelo mar (ODISSÉIA, Conto V, 150-180).

Dentro do mesmo episódio do encontro de Siduri com Gilgamesh, segundo o autor M. West podemos buscar aproximações com outro momento do épico homérico. Segundo o autor, o episódio de ameaça em quebrar as tranças da porta e entrar a força, proferida por Gilgamesh à deusa, que inicialmente escondeu-se receosa do herói (SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Tablet X, 1-27), pode ser comparado ao episódio do épico homérico

em que o herói Odisseu, muito-truque, após chegar e entrar aos aposentos da deusa Circe, e esta tentar o enfeitiçar com sua bebida com drogas mágicas, Odisseu lança-se vorazmente sobre a deusa ameaçando matá-la, da forma que o tinha orientado previamente o Deus Hermes, o mesmo que o deu a planta chamada “Moli” que o protegeria contra os feitiços de Circe (ODISSÉIA, Conto X, 275-329).

A planta é outro ponto de semelhanças entre ambos os épicos. Em ambos, tais plantas desenvolvem importantes funções. É uma planta a chave da imortalidade a qual Gilgamesh busca com tanto esforço, superando muitas provações. Está é a ele concedida por Uta-napíshtin por reconhecimento aos seus esforços, que no fundo do mar a indica buscar (SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Tablet XI, 271-308). Como já descrito no parágrafo anterior, é também uma planta o que recebe Odisseu das mãos do Deus Hermes, para que possa escapar dos efeitos dos feitiços da Deusa Circe, os quais também iriam o colocar sobre cativo, assim como seus companheiros (ODISSÉIA, Conto X, 275-306).

Dentre estes é outros momentos que as deusas Siduri, Circe e Calypso nos permitem fazer aproximações, talvez os episódios nos quais ambos os épicos mais se aproximem sejam a oportunidade que ambos os heróis recebem de possuir a imortalidade. No caso, a questão da imortalidade tem diferentes aparições e importância em cada um dos épicos. Enquanto esta é o objetivo principal pelo qual Gilgamesh decide viajar ao desconhecido, que após indicações de Siduri, chega a Uta-napíshtin que o revela a planta que poderia lhe dar o que tanto procurava (SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Tablet X). A mesma é oferecida a Odisseu pela deusa Calypso, desejando que o rei de Itaca permanecesse com ela como companheiro. Contudo, Odisseu, em sua ânsia de voltar para casa, a recusa (ODISSÉIA, Conto X, 275-306). Apesar das diferentes posições dos heróis diante da possibilidade de adquirir imortalidade, não deixa de ser interessante observar tal semelhança em ambos os épicos.

Além das colocações em torno das aproximações entre os dois tópicos apontada acima, especificamente nos episódios das deusas Circe, Calypso e Siduri, alguns outros pontos são dignos de serem destacados tais como a chegada do rei de Itaca a ilha Esquéria e diversas cenas que este tem junto ao povo feiaciano, os quais podemos achar paralelos no épico mesopotâmico.

Após deixar a ilha de Calypso e vagar por dezoito dias, Odisseu alcança a ilha de Esquéria, lar dos feiacianos, seu último destino. Segundo West, esta pode ser colocada como mais uma similaridade entre os dois épicos, mesmo que as semelhanças não sejam

tão abundantes. A ilha dos feiacianos está para Odisseu assim como o encontro com Ut-napishtim está para Gilgamesh, e por consequência, Calypso ao indicar este lugar a Odisseu, ocupa o mesmo lugar de Siduri, no épico mesopotâmico. Em ambos os contos, estes são os últimos lugares visitados antes do retorno dos heróis para as suas casas.

Um primeiro ponto de semelhança apontado por West neste momento das narrativas é a impressão de espanto que tanto Odisseu quanto Gilgamesh causam em outros personagens, por conta de seus estados físicos desgastados e selvagens. É o que ocorre com a princesa Nausícaa e suas criadas que, ao avistarem Odisseu saindo do bosque, “como leão da montanha, confiante na bravura, que vem castigado por chuva, vento, e seus olhos faíscam”²⁴, acabam por fugirem com medo, deixando a princesa a sós encarando o herói (ODISSÉIA, Tablet VI). No épico de Gilgamesh, este ao chegar à morada de Siduri, esta avista o herói que “Com uma pele de leão que dava medo ----, Tinha carne de deuses em seu corpo, Havia luto em suas entranhas: À de quem chega de longe sua face se iguala”²⁵. Temendo a Deusa este ser um matador, corre e se esconde no alto de sua morada (SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Tablet X).

Na sequência deste episódio do épico de Odisseu, existem momentos aos quais podem ser feitos paralelos com outras cenas do épico do rei de Uruk. Nausícaa, após permanecer no local encarando e se admirando da figura de Odisseu, decide prover-lhe roupas limpas e outros cuidados junto a suas criadas. Odisseu agora banhado e com uma aparência divina, causa admiração da princesa que comentando com suas criadas diz sua vontade de ter um marido como o herói. Nausícaa decide levar Odisseu para a cidade, para conhecer seu povo e seu pai, o Rei Alcínoo (ODISSÉIA, Tablet VI). Aqui podemos encontrar paralelos com algumas cenas do épico mesopotâmico. Uma delas se refere ao encontro da prostituta Shámhat e Enkidu. Neste momento o futuro amigo fiel de Gilgamesh ainda se encontra como um selvagem que vaga pelas estepes, Shámhat vai ao seu encontro, seduzindo-o, esta dá-lhe roupas limpas e cuida de sua aparência. Shámhat também guia Enkidu para a cidade de Uruk, onde este pode encontrar o rei Gilgamesh e o enfrendá-lo (SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Tablet I-II). Outro momento pode ser relacionado à cena pós retorno de Gilgamesh da floresta dos Cedros. Gilgamesh descarta suas roupas sujas, se banha e veste outras novas, juntamente com sua coroa, adquirindo assim sua aparência de realeza e toda sua beleza, beleza esta que acaba por

²⁴ ODISSÉIA, Tablet VI, v. 130-132.

²⁵ SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Tablet X, v. 6-9.

encantar a Deusa Ishtar, que se apaixona por ele, propondo-lhe casamento (SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Tablet VI).

Apesar de UtSIN-LÉQI-UNN não ser o rei de uma cidade e tenha domínio sobre um povo, também há certas proximidades entre este e o rei Alcínoo, rei dos feiacianos. Ambos possuem uma esposa que age de forma benévola com os heróis e propõem enviá-los de volta as suas moradas. Apesar de na versão Assíria Ut-napíshtim não possuir uma filha tal como Alcínoo possui Nausícaa, a versão do dilúvio redigida por Berossus (onde este tem por nome Xisoutros, como já foi discutido anteriormente), este personagem diz ter sobrevivido ao dilúvio com sua mulher, seu barqueiro e sua filha. Sendo assim, parece razoável se pensar que a Odisséia foi influenciada por uma versão onde Ut-napíshtim aparecia tendo ambos, tanto esposa quanto filha (WEST, 1997).

Há também uma breve passagem de similaridades entre os dois épicos que se refere à falha que ambos os heróis tem já muito próximos de completarem seus objetivos. No épico mesopotâmico, o nosso herói após chegar à terra de Ut-napíshtim, recebe o desafio de não dormir por seis dias e sete noites para assim conquistar a imortalidade que deseja. Porém, seu cansaço faz com que este adormeça no mesmo instante que repousa (SIN-LÉQI-UNNÍNNI, Tablet XI). O sono também foi o que impediu Odisseu a chegar a sua amada ilha. Após retornar da ilha de Eolo, com o saco dos ventos uivantes amarrado em seu barco para que este chegasse ao seu objetivo, Odisseu e seus homens já podiam avistar a ilha de Itaca no horizonte. No entanto, após nove dias guiando o leme do barco, o rei de Itaca acabou por se entregar à exaustão e adormeceu. Seus companheiros, com inveja e supondo que Odisseu havia recebido riquezas de Eolo, acabaram por abrir o saco dos ventos uivantes que os tirou de rota, arrastando o barco novamente para a ilha de Eolo (ODISSÉIA, Conto X).

Outro ponto onde podemos encontrar certas similaridades entre as narrativas diz respeito aos encontros do herói mesopotâmico no tablete XII e do herói grego no conto XI, com entidades familiares a eles, que surgem em forma de fantasmas vindo do mundo dos mortos. Ambos recebem instruções de divindades de como devem proceder para realizar o contato com estas entidades. Ea instrui Gilgamesh a cavar um buraco de onde o fantasma de Enkidu pode emergir do mundo dos mortos. Da mesma forma, Circe instrui Odisseu que este faça uma trincheira e sacrifícios, por meio dos quais o rei de Itaca possa se comunicar com personagens, neste caso, o espírito de seu amigo, mãe e Tirésias. De modo análogo, Gilgamesh e Odisseu tentam abraçar os fantasmas daqueles a quem tem amor, Gilgamesh a Enkidu e Odisseu a sua mãe Anticleia, e neste

momento ambas as entidades explicam aos heróis sobre a realidade da morte e do que esta causa no corpo dos mortais. Ambas as entidades também apresentam e explicam os destinos de determinados personagens encontrados no mundo inferior, o que nos oferece uma breve visualização da concepção desses povos sobre esta temática.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como já se vinha salientando desde o começo deste trabalho, a pesquisa está longe de querer propor conclusões definitivas diante de um tema tão vasto e profundo como o aqui analisado. No entanto, a mais de um século às supostas influências da cultura das sociedades do Antigo Oriente Próximo, vem sendo levantadas e muitas delas já aceitas. Com base nas fontes escritas, e nos diversos achados arqueológicos tanto nas planícies da Antiga Crescente Fértil, como em solo grego, a proposição de tal influência torna-se inevitável e em muitos aspectos até mesmo clara.

Como buscamos demonstrar, por mais de um período a região que hoje denominamos como Grécia, esteve aberta aos contatos com outras grandes civilizações do Mundo Antigo, tais como fenícios, hititas, bem como, dos grandes impérios egípcio e mesopotâmico. Um dos períodos de especial influência é denominado por arqueólogos e outros especialistas como período de Orientalização da cultura grega (750-650 a. C.), onde diversos achados arqueológicos na região da antiga Hélade, tais como, cerâmicas e outros objetos possuem traços especialmente ligados a cultura do Oriente e África.

Estas fontes, juntamente com as escritas, nos permitem analisar as influências que tais culturas impuseram umas sobre as outras ao longo dos séculos passados. Partindo de uma visão ligada a pesquisadores orientalistas, e juntamente de uma apropriação do conceito de hibridismo cultural, buscou-se demonstrar e defender o fato de que cultura, nos dias atuais ou passados, não pode ser entendida como algo estático, mas sim, uma intensa dinâmica de trocas, que acaba por constituir as culturas dos diferentes povos de diferentes regiões.

No caso das culturas gregas e mesopotâmicas, uma delas acabou por ser esquecida por um longo período de tempo, enquanto que a outra passou por um processo histórico de valorização, o qual a posicionou em um lugar de destaque. No entanto, o que uma corrente de pesquisadores procurou (e ainda procuram) demonstrar, principalmente no século passado, foi a grande importância que as sociedades da Antiga

Mesopotâmia tiveram no Mundo Antigo, durante seus milênios de dominação, bem como, a vasta influencia que sua cultura atingiu. Desta forma, tendo contribuições até nas culturas Ocidentais, uma vez posta e legitimadas como desenvolvedoras de uma cultura Ocidental pura.

Os mitos, crenças, cultos, ciência e literatura entre tantas outras coisas oriundas das civilizações que floresceram na Antiga Crescente Fértil, tais como, sumérios, assírios, babilônicos, tiveram consideráveis reflexos em sociedades que os circundavam no auge de suas dominações imperiais. O Levante, a Antiga Anatólia, regiões da África e outras regiões semitas, bem como, regiões costeiras do Mar Mediterrâneo tiveram contato e acabaram por incorporar ou serem forçados a incorporar traços dessas culturas. Alguns dos mitos aqui analisados, entre tantos outros que não foram abordados, bem como, as diversas evidências arqueológicas, são provas de tal proposição.

Especificamente na literatura, utilizada na pesquisa como fonte principal, podemos observar inquietantes similaridades e proximidades entre duas das mais valiosas literaturas da Antiguidade, a Odisseia e o épico de Gilgamesh. Como vislumbrou-se demonstrar nas páginas anteriores, há diversos trechos nos quais podemos reconhecer as semelhanças entre passagens dos épicos de ambos os heróis. A exemplo, podemos citar as das Deusas que têm decisivas participações nas trajetórias de ambos os heróis, as aventuras e diversos desafios que este tem que enfrenta ao longo dos seus trajetos, a volta para casa mais sábios e conformados com a condição humana. Muitos dos chamados motivos do épico mesopotâmico são encontrados no épico grego, contudo, também existem pontos de diferenças essenciais. A busca pelas imortalidades é ponto primordial para nosso herói mesopotâmico, já Odisseu recusa a imortalidade que lhe é oferecida. É sempre importante salientar as particularidades existentes em cada uma das narrativas. Como exemplificamos anteriormente, tais apropriações não significam meras copias, elas agregam novos sentidos, valores, modos de conceber o mundo que são particulares de cada sociedade.

Em acréscimo, esperamos que tal trabalho possa oferecer alguma contribuição para o melhor conhecimento e entendimento destas sociedades tão distante de nós, em tempo e espaço geográfico, mas que possuem uma enorme participação em nossa própria cultura. Cultura essa que, como podemos perceber, tem raízes muito mais distantes do que imaginamos.

Também esperamos que tal pesquisa possa contribuir de alguma forma para o desenvolvimento, e enriquecimento qualitativo e quantitativo, do campo de pesquisa referente às sociedades de cultura cuneiforme, tais como assírios, sumérios, babilônicos, assim como, referentes ao Antigo Oriente Próximo, que ainda são de pouca expressão comparada a outros temas de pesquisa referentes à Antiguidade.

7. REFERÊNCIAS

Fontes primárias utilizadas

A Epopéia de Gilgamesh. Trad. Carlos Daudt de Oliveira. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

GEORGE, A. R. **The Epic of Gilgamesh: The Babylonian Epic Poem and Other Texts in Akkadian and Sumerian.** London: Penguin, 2003.

SIN-LÉQI-UNNÍNNI. **Ele que o abismo viu: epopeia de Gilgamesh** - tradução do Acádio, introdução e comentários Jacyntho Lins Brandao. 1. Ed, Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

WERNER, C. **Odisseia.** In: - (org.) Homero: Odisseia. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Fontes secundárias utilizadas

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém.** Nova ed. revista e ampliada. Tradução em língua portuguesa diretamente dos originais. São Paulo: Paulus, 2002.

Bibliografias

ASSUMPCÃO, L. F. B. A Hélade No Período Clássico, Entre o Imperialismo Ateniense e a Hegemonia Espartana – Um Estudo Conceitual. In: **III Encontro Nacional de Estudo sobre o Mediterrâneo Antigo – Novas Perspectivas sobre as Práticas Imperialistas no Mundo Antigo.** INSS: 1984-3615. Rio de Janeiro: NEA-UERJ, 2011. V. 03. p. 167-180.

BOTTÉRO, Jean. **La religión más antigua, Mesopotamia,** Madrid, Editorial Trotta, 2001.

BOTTÉRO, Jean, HERRENSCHMIDT, Clarisse, VERNANT, Jean-Pierre. **Ancestor of the West, Writing, Reasoning, and Religion in Mesopotamia, Elam, and Greece.** Chicago, The University of Chicago Press, 2000.

BOTTÉRO, J. **No começo eram os deuses.** Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural.** São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2003.

BOUZON, Emanuel. A saga de Gilgamesh e suas fontes. **Cadmo: Revista do Instituto Oriental da Universidade de Lisboa,** 6-7, 1997.

BURKERT, Walter. **The Orientalizing Revolution: Near Eastern Influence on Greek Culture in the Early Archaic Age.** Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1995.

BORGES, Valdeci Rezende. História e Literatura: Algumas Considerações. **Revista de Teoria da História**. Ano 1, Número 3, junho/ 2010. ISSN: 2175-5892.

BRANDÃO, J. L. No Princípio Era à Água. **Rev. UFMG**, belo horizonte, v. 20, n.2, p. 22-41, jul./dez. 2013.

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, Héctor Pérez. **Os Métodos da História: Introdução aos Problemas, Métodos e Técnicas da história demográfica, econômica e social**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DARNTON, R. **O Grande Massacre de Gatos e Outros Episódios da História Cultural Francesa**. Rio de Janeiro: Graal. 1986.

FUNARI, Pedro Paulo. **Arqueologia**. São Paulo: Contexto, 2003. ISBN 85-7244251-0.

FUNARI, Pedro Paulo. **Antiguidade Clássica: A História e a Cultura a Partir dos Documentos**. São Paulo: Editora Unicamp, 2003.

FOLLMANN, E. **A influência da epopeia de Gilgamesh na escrita do Gênesis**. Curitiba. Disponível em <http://www.klepsidra.net/klepsidra23/gilgamesh.htm>.

GUARINELLO, Norberto Luiz. **Ensaio Sobre História Antiga**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

GEORGE, A. R. **The Babylonian Gilgamesh Epic: Introduction, Critical Edition and Cuneiform**. Texts. Vol. 1 and 2. Oxford: Oxford UP, 2003.

_____. **The Epic of Gilgamesh: The Babylonian Epic Poem and Other Texts in Akkadian and Sumerian**. London: Penguin, 2003.

HEIDEL, Alexander. **The Gilgamesh Epic and The Old Testaments Parallels**. The University of Chicago, 1946.

KRAMER, Samuel N. **The Sumerians: Their History, Culture, and Character**, Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1963.

_____. **Mesopotâmia: Berço da Civilização**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1969.

_____. **History Begins at Sumer: Thirty-Nine Firsts Recorded in History**. University of Pennsylvania Press; Edição: Third, 1988.

KERN, Daniela. O Conceito de Hibridismo Cultural Ontem e Hoje: Ruptura e Contato. **MÉTIS: história & cultura**. v. 3, n. 6, p. 53-70, jul./dez. 2004.

KOIKE, Katsuzo. Os primórdios da Prosa Grega. **Revista Archai**, Brasília, n. 03, p. 97-106, Jul. 2009.

OLMI, Alba. Literatura Graga: Intertextualidade e Interdisciplinaridade. **SIGNO**, Santa Cruz do Sul; v. 23, n. 34, p. 7-43, jan.jan. 1998.

PENGLASE, Charles. **Greek Myths and Mesopotamia: Parallels and Influence in the Homeric Hymns and Hesiod**, UK, Routledge, 2010.

PEDRO, André Gonçalo Azevedo. **A Escola e a Educação na Suméria o Papel da EDUBBA na Sociedade Suméria**. Dissertação de Mestrado em História Antiga – Universidade de Lisboa, 2015.

POZZER, Katia M. P. Escritas e Escribas: O Cuneiforme no Antigo Oriente Próximo. **Classica**. São Paulo, v.11/12, p.61-80, 1998/1999.

PONTES, Antonio Ivemar da Silva. **A “Influência” do Mito Babilônico, Enuma Elish, em Gênesis 1,1—2,4**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Programa de Mestrado em Ciências da Religião, 2010.

RODRIGUES, Nuno Simões. **Ulisses e Gilgameš**, *in*: Penélope e Ulisses, [Coord. Francisco de Oliveira], Coimbra, Associação Portuguesa de Estudos Clássicos, Instituto de Estudos Clássicos da Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2003, pp. 91-105.

ROSSI, Luiz Alexandre. Sumérios. *In*: FUNARI, P. P. A. **As Religiões que o Mundo Esqueceu. Como egípcios, gregos, celtas, astecas e outros povos cultuavam seus deuses**. São Paulo: contexto, 2009.

SAID, Edward W. **Orientalismo: O Oriente como Invenção do Ocidente**. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.

_____. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

SCARRE, C. FAGAN, B, M. **Ancient Civilizations**. New York, Routledge, Fourt Edition, 2016.

SEUDIN, Allen Elia. **Underlying Motifs in the Hero’s Quest for Immortality in The Epic of Gilgamesh**. Dissertation Master in English and American Studies Area of Specialty: Literature – University of Lisboa, 2016-2017.

SANTOS, Dominique Vieira Coelho dos. De Tablet para Tablet - Novas Ferramentas para a Pesquisa e o Ensino da História das Culturas Cuneiformes na Era Digital. **Tempo e Argumento**, v. 06, p. 212-241, 2014.

TIGAY, Jeffrey H. **The Evolution of The Gilgamesh Epic**. Illinois: Bolchazy-Carducci, 2002.

VERNANT, Jean Pierre. **As Origens do Pensamento Grego**. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

WEST, M. L. **The East Face of Helicon: West Asiatic Elements in Greek Poetry and Myth**. Oxford, Clarendon Press, 2003.

WEST, M. L. **The Rise of the Greek Epic**. The Journal of Hellenic Studies, Vol. 108, 1988, pp. 151-172

ZDEBSKYI, Janaina de Fátima. **A Prostituta Sagrada e os Entrelaçamentos Transculturais no Antigo Crescente Fértil**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Pós-Graduação em História, Florianópolis, 2018